

Departamento de Sociologia

**Surdidade: Construção Social para a Comunidade Surda**

**Amílcar José Morais**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de  
Mestre em Sociologia

**Orientador:**

**Prof. Doutor António Pedro de Andrade Dores,**  
Professor Auxiliar com Agregação do Departamento de Sociologia do ISCTE-IUL

**Co-orientador:**

**Professor Doutor José Luís Sanches Casanova**  
Professor auxiliar do Departamento de Sociologia do ISCTE-IUL

Fevereiro de 2019

## **RESUMO**

O sujeito Surdo vive uma experiência semelhante àquelas pessoas vegetais que têm consciência do que se passa à sua volta, mas estão incapazes de fazer alguma coisa por si próprias. Ao contrário dessas pessoas, os Surdos são completamente saudáveis e capazes de comunicar intensamente. Porém, os Surdos vêm-se a si próprios como impotentes, deficientes, e é disso, sobretudo, que a vida intelectual dos Surdos trata, hoje em dia. Como chamar a atenção de toda a sociedade da violação quotidiana dos direitos humanos dos Surdos, por debaixo da boa-fé e da ignorância generalizada sobre a condição Surda e a sua cultura? Como chamar à responsabilidade o conjunto da sociedade, para que tire o pé distraidamente deixado em cima dos nossos pescoços, para assim podermos respirar uma vida intelectual participativa que nos permita conviver, como qualquer outras pessoas? O recurso à sociologia, no caso desta dissertação, explica-se como forma de denunciar os erros da visão biomédica do Surdo, que o considera deficiente, e oferecer uma visão integrada dos Surdos como minoria cultural com características próprias.

Na ausência de uma cultura Surda, a cultura desterritorial que existe faz dos Surdos alvos privilegiados de exclusões sociais evitáveis, pois estão excluídos da comunicação à sua volta. Assim se gera um caldo de desconfiança que caracteriza a vida dos sujeitos Surdos, que apenas podem imaginar comunicar com quem os rodeia. A sociologia poderá passar a ter presente os Surdos como caso de estudo, entre a estigmatização ou rotulagem político-laboral e educacional, como deficientes que não somos, e a indiferença e vergonha escolar e familiar, surpreendidas pela ignorância daqueles que querem bem a Surdos, mas desconhecem o que seja a condição da Comunidade Surda.

**Palavra-chave:** Surdo, deficiente, direitos, humanos, sociedade, desconfiança, minoria e cultural

## **ABSTRACT**

The Deaf subject lives an experience similar to those people who are in an vegetative state that are aware of what's happening around them, but are unable to do something for themselves. Otherwise these people, the Deafs are, however, completely healthy and able to communicate sorely. However, Deaf people see themselves as powerless, disabled, and it's mainly this that intellectual deaf's life is all about, nowadays. How can we call all society's attention towards the daily Deaf's human rights infractions, underneath good - Will, and generalized nescience about Deaf condition and its culture? How can we ask for responsibility to the whole society group, so that they can take off that foot unheeding left over our necks, so that we can breathe an intellectual active life? The recourse to sociology, in the specific case of this thesis, it's explained as a mean of striking the Deaf's biomedical view, that considers deaf as disabled, and a mean to offer a Deaf's integrate view as a cultural minority with specific characteristic in modern societies.

Within the absence of a Deaf Culture, the existing non-territorial culture makes Deaf people privileged targets of defiances inside society itself, because they are excluded from communication around them. Therefore, it's created a broth of mistrust that marks the Deaf subjects' lifes, who can only imagine communicate towards the ones that surround them.

Sociology can further have Deafs as a case study, amongst stigmatization or political-labor and educational labelling as disabled people that we are not, and the scholar and familiar unconcern and shame, surprised by the ignorance of those who care for the Deaf but are not aware of what might be the Deaf's Community status.

**Keyword:** Deaf, disabled, rights, human, society, mistrust, minority and cultural

## **AGRADECIMENTO**

Com a elaboração da minha dissertação de mestrado tive a grata oportunidade de me debruçar sobre a Comunidade Surda, nomeadamente sobre a sua especificidade e constrangimentos e de realizar um estudo que possa contribuir para a reflexão e conseqüente mudança de paradigma social neste âmbito. Tendo concluído uma importante etapa da minha vida devo mencionar e agradecer o contributo das várias pessoas e entidades que participaram mais diretamente neste meu estudo.

Para a concretização da minha tese contei com a inestimável confiança e apoio de inúmeras pessoas Surdas e de instituições de referência da Comunidade Surda, em particular a Associação Portuguesa de Surdos (APS), a Federação Portuguesa das Associações de Surdos (FPAS). Sem todos eles, não teria sido possível desenvolver a temática que me propus estudar.

Ao Professor Doutor António Pedro Dores, professor e orientador da dissertação, agradeço imenso o apoio, a partilha do saber e as contribuições para este trabalho. Acima de tudo, agradeço-lhe por ter acreditado em mim e também por ter tido a paciência de acompanhar o meu processo de produção de texto, nem sempre fácil visto que o Português escrito constitui a minha segunda língua.

Ao Professor Doutor José Casanova, professor e co-orientador, agradeço também o apoio, o acompanhamento do meu trabalho e a compreensão da minha situação linguística.

Sou muito grato a todos os meus familiares e amigos pelo incentivo recebido ao longo destes anos. À Doutora Tânia Laima, Doutora Ema Marques e Professora Doutora Isabel Correia e Professora Mestre Susana Rebelo, Doutor Paulo Garcia e Doutor Rui Pinheiro, agradeço o tempo que me dedicaram e a todas as pessoas Surdas, em especial aos quatro entrevistados considerados como a "elite" da Comunidade Surda.

Por fim, à Paula Fernandes, ao Bernardo Morais, à Joana Mouro, ao Luís Araújo e ao Guilherme Araújo, reconheço sou agradecido pelo tempo, confiança e amor incondicionais.

## **GLOSSÁRIO DE SIGLAS**

ADA – American Disability Act

APS – Associação Portuguesa de Surdos;

CDLGP – Comissão para a Defesa de Língua Gestual Portuguesa

CPL, IP – Casa Pia de Lisboa, Instituto Público;

CRP – Constituição República Portuguesa

CRPDDPS – Comissão para o Reconhecimento e Proteção da Língua Gestual Portuguesa e Defesa dos Direitos das Pessoas Surdas

EUA – Estados Unidos da América

IC – Implante Coclear;

IC's – Implantes Cocleares;

ILGP – Intérprete de Língua Gestual Portuguesa

L1 – Primeira língua

L2 – Segunda língua

LG – Língua Gestual

LGP – Língua Gestual Portuguesa

LG's – Línguas Gestuais

LP – Língua Portuguesa;

OMS – Organização Mundial de Saúde

CIES – Congresso Internacional da Educação dos Surdos

ONU – Organização das Nações Unidas

SNS – Serviço Nacional de Saúde

## **ÍNDICE**

RESUMO .....	v
ABSTRACT.....	v
AGRADECIMENTO.....	v
GLOSSÁRIO DE SIGLAS.....	v
<b>INTRODUÇÃO GERAL.....</b>	<b>7</b>
<b>CAPÍTULO I: DEFINIÇÃO DA COMUNIDADE SURDA E DO SEU PONTO DE VISTA .....</b>	<b>8</b>
1.2. A discriminação e as lutas dos Surdos.....	9
1.3. O Oralismo e a Deficiência.....	11
1.4. A Língua Gestual e a sua Cultura.....	14
1.5. A escolarização.....	16
1.6. Formação profissional e o mercado de trabalho.....	17
1.7. O papel das ciências sociais.....	20
1.8. Movimento associativo.....	21
<b>CAPÍTULO II: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA SOCIOLÓGICA E ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO .....</b>	<b>23</b>
<b>CAPÍTULO III: ANÁLISE DAS ENTREVISTAS .....</b>	<b>30</b>
3.1. Síntese de Análise.....	33
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>39</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>41</b>
<b>ANEXOS:</b>	
<b>ANEXO A: Gráfico: Transformar a desconfiança em Surdidade .....</b>	<b>I</b>
<b>ANEXO B: Guião da Entrevista.....</b>	<b>II</b>
<b>ANEXO C: Transcrição de entrevista: S1 .....</b>	<b>III</b>
<b>ANEXO D: Transcrição de entrevista: S2.....</b>	<b>VII</b>
<b>ANEXO E: Transcrição de entrevista: S3.....</b>	<b>X</b>
<b>ANEXO F: Transcrição de entrevista: S4.....</b>	<b>XII</b>

## **INTRODUÇÃO GERAL**

A principal barreira social vivenciada diariamente pelas pessoas Surdas é a da comunicação e da informação. No caso dos Surdos<sup>1</sup> de nascença, a sua língua mais natural para se exprimirem e de acesso à informação e ao conhecimento do mundo que os rodeia é a Língua Gestual (LG). No entanto, desde o seu nascimento que as pessoas Surdas experienciam contextos de isolamento social e cultural, à mistura com sentimentos de revolta pela impotência gerada por situações de não comunicação. A medicina tem investigado, desde há muitos anos, na perspetiva de ver a Comunidade Surda como uma minoria em extinção, a surdez como uma doença curável, de forma a normalizar a sociedade e acabar com esta língua estranha, a LG. Este trabalho da observação aposta na esperança da antropologia cultural ou da sociologia poderem dar uma forte contribuição para produzir uma resposta clara às perspetivas nocivas e preconceituosas dominantes na medicina relativamente à surdez. A definição de deficiência auditiva diz respeito a um défice adquirido, ou seja, é quando se nasce com uma audição perfeita e, devido a lesões ou doenças, a pessoa vai perdendo audição. As pessoas que já tinham aprendido a comunicar oralmente, usam aparelhos auditivos ou intervenções cirúrgicas (dependendo do grau da deficiência auditiva) como forma de minimizar ou corrigir o problema. Os Surdos de nascença são outro caso. Não são deficientes: nascerem com uma condição de Surdez. A LG é, para os Surdos, como para as pessoas com deficiência auditiva, uma oportunidade de descoberta de novas liberdades e capacidades na vida. Por outro lado, a Cultura Surda, que é possível e necessária desenvolver em torno da LG, veio constituir-se como símbolo de luta da Comunidade Surda. Esta reivindica o reconhecimento da exigência da articulação entre LG e Cultura Surda, em vez da sua repressão. Ao tomarem a Cultura Surda como centro de um campo de pesquisas académicas, as ciências sociais podem ser uma contribuição para dar a conhecer a situação e melhorar as oportunidades de realização de mais justiça social. A construção da Cultura Surda é o discurso da Comunidade Surda: a identidade Surda

---

<sup>1</sup> Os falantes nativos das Línguas Gestuais, Surdos com "S" maiúsculo, aqueles que usam Língua Gestual, participam ativamente na Comunidade Surda, têm a sua cultura própria, lutam por seus direitos e não aceitam ser tratados como deficientes, mas sim como diferentes. Por oposição, surdo com "s" minúsculo, aquele que não participa da Comunidade Surda, não usa Língua Gestual, não compartilha da Cultura Surda, etc., e que acaba sendo somente uma pessoa com deficiência auditiva. (Ladd, 2017 e Lane, 1992).

## **CAPÍTULO I: DEFINIÇÃO DA COMUNIDADE SURDA E DO SEU PONTO DE VISTA**

A característica do povo Surdo é ser um grupo sem território que tem como princípios próprios a busca de uma identidade não ouvinte, desenvolvendo a LG e a sua cultura no quotidiano. O povo Surdo é uma minoria que vive numa sociedade de proibição e marginalização. O estudo da sua condição vai ajudar a descobrir preconceitos e mitos da sociedade e as consequências da sua aplicação na vida quotidiana. A Comunidade Surda (utilizadora da LG) é constituída por: Surdos que têm a LG como sua língua materna, tidos como os membros mais típicos da Comunidade; os pais e familiares que têm conhecimento da LG, e a utilizam na comunicação entre pais/familiares e crianças/jovens Surdos (no caso dos filhos Surdos); Surdos que adquirem essa incapacidade durante a escolaridade (normalmente com surdez severa a profunda), sendo estes a grande maioria dos Surdos falantes de LG; profissionais e amigos que se relacionam com Surdos diariamente, e também curiosos (Jokinen, M. 2006). A questão da identidade, para a antropologia e para a sociologia, está em debate. É central para movimentos sociais identitários. Comparando com outros movimentos sociais, cujos membros reclamam direitos específicos (como os casos dos movimentos feminista, negro, gay, entre outros), também há um movimento de Surdos. É uma construção política de identidade, beneficiando da experiência das lutas e causas defendidas por outros. Reconhecemos que a definição do conceito da identidade Surda não tem uma forma perfeita, pois há formas diferentes de viver a condição de ser Surdo e pertence a cada grupo específico descobrir a identidade Surda (a partir de contacto entre pares e Comunidade Surda), modificando o seu entendimento do que é, e depois movendo-se pela conquista da sua própria identidade. O reconhecimento da cultura tem uma importância decisiva para a minoria linguística. A principal função das suas tradições culturais é a de anular a desconfiança e o preconceito sociais que penalizam os Surdos, recuperando a história oprimida, trazendo uma visão positiva da potencialidade da história do presente, através da qual se possa avaliar o passado e o futuro. Sobre a importância da participação da Comunidade Surda nos processos de alargamento da educação em LG e da Cultura Surda, é urgente a reforma da escola, para dar espaço ao debate sobre a definição da cultura linguística, da história, da identidade, da educação e das questões que envolvem a Comunidade Surda, representada pela defesa do seu direito de participação autónoma e efetiva nas lutas por um ensino de qualidade e por



respeito pelos direitos humanos. A Comunidade Surda já é reconhecida em vários âmbitos das ciências sociais, fora de Portugal. Cabe-nos atualizar, neste aspeto, as nossas ciências sociais. Essa lacuna, no entanto, tem efeitos práticos. A área das ciências sociais desconhece-nos e a discriminação mantém-se. Podemos constatar que, ao longo dos tempos, os sujeitos Surdos nunca ocuparam lugares de destaque na sociedade. As fronteiras culturais que existem entre a sociedade ouvinte e a Comunidade Surda criam barreiras difíceis de derrubar, e levam a que a Comunidade Surda sinta a sociedade civil como exclusiva do mundo ouvinte. Acrescentamos que o termo ouvinte refere-se a todos os que não participam na experiência da Comunidade Surda. Os ouvintes muitas vezes não entendem porque foram chamados desta forma, mas aceitam por respeito, pois é um termo utilizado pela Comunidade Surda para identificar quem não é Surdo. Por outro lado, estes ouvintes participantes que compreendem a perspetiva da Comunidade Surda, identificam-se enquanto Surdos e apoiam a sugestão.

## **1.2. A discriminação e as lutas dos Surdos**

Este é um estudo da observação sobre a valorização/caraterização da Comunidade Surda por si própria. É um estudo da vivência da Comunidade Surda na sociedade complexa e de como procede, interage e manipula as suas várias dimensões da sociedade. Desta forma, o objetivo deste trabalho é testemunhar sobre a presença dos sujeitos Surdos em sociedade e sobre a sua relação/vivência discriminada. O sujeito Surdo apresenta-se de uma maneira diferenciada junto à sociedade, dentro de um contexto político-social de “inclusão” das minorias. A pesquisa de Bhabha (1994), alertou no sentido de reconhecer a derrota da defesa cultural da Comunidade Surda: a educação dos Surdos, segundo o autor. É necessário, reclama, tomar uma medida de revisão radical em torno do conceito de cultura e de comunidade. Por tudo isso, a crítica do discurso da política cultural deve incluir o tema da alteridade e adquirir, hoje, novas dimensões epistemológicas (via investigação científica), políticas (via legislação, poder, oposição e Estado) e pedagógicas (via ensino e materiais). Bhabha crítica a noção de diversidade usada para enquadrar o discurso político multicultural e para referenciar a importância da sociedade integradora e democrática. Afirma que junto com a diversidade sobrevive sempre um modelo transparente à discriminação. Na Cultura Surda e na construção da sua identidade (através da LG), é possível perceber certos olhares de sofrimento e de estigma por que passa a reafirmação da língua. Dedicar-se a

aprofundar as ideias de análises sobre a vida dos Surdos e dos estigmas na sociedade, usando reflexões como as de Goffman, Ladd e Freire, a partir das quais tentaremos entender a Cultura Surda, no quadro de processos mais gerais da sociedade. A visão da sociedade que estereotipa os Surdos como deficientes, pela sua dificuldade de expressão oral, pode ser observada focando quatro aspetos: educação, igualdade de oportunidades, linguística e acessibilidade, que são questões de reflexão sobre diversas áreas de integração em diferentes situações do quotidiano. Neste trabalho, vamos considerar que existem duas perspetivas que se contradizem ao longo dos tempos: a médica e a sociocultural. Relativamente à primeira, remonta ao pós-guerra, aquando da criação da Organização Mundial de Saúde (OMS) em 1948, e conseqüente elaboração de uma tabela onde constava a nova terminologia e a filosofia global da deficiência, onde os conceitos de reabilitação e deficiência foram englobados num só. Esta perspetiva fez com que as Pessoas Surdas fossem consideradas deficientes, juntamente com outras deficiências que causam incapacidades, seja de acesso ou de comunicação. Surgiu um conflito entre esta perspetiva e a Comunidade Surda, até hoje. A Comunidade Surda ainda vive um impasse de identidade, quando se trata de defender a própria língua e cultura. Os membros desta comunidade vivem num espaço colonial: o ouvintismo é a referência ideológica que criou um sistema de interesses próprio, capaz de colocar práticas que têm como objetivo principal homogeneizar à força o espaço cultural desenvolvido e imposto, constituído por olhares, interesses e representações de outros, os ouvintes, em face dos outros, pelos outros: assim, a alteridade desaparece, é representada como continuação ou é mascarada. É inventada, na condição de manter a fronteira rígida da inclusão como um gueto: estereotipado, infantilizado, normalizado, medicalizado, desterritorializado. Os Surdos vivem processos de recusa de aceitar realidades, como a da existência do isolamento social, porém facilmente observáveis por qualquer estudo etnográfico ou sociológico. Alegam tratar-se de formas de negatividade, separada de objetividade institucionalmente reconhecível. A sociedade tem limitações para tomar conhecimento da alteridade. Subdivide-a em categorias, quase sempre negativas, alegando evitar a negatividade. Há quem se aproxime, mas são poucos; a maioria das pessoas, incluindo os investigadores sociais, distancia-se. Resulta desta constatação um alerta geral: os mendigos, as crianças de rua, as prostitutas, os deficientes, etc., continuam a ser expulsos do território da alteridade. Tal como eles, os membros das Comunidades Surdas vivem um impasse de identidade e instabilidade de postura face o mundo exterior. No entanto, o estudo da Comunidade Surda pode tornar-

se um pretexto para refletir sobre várias questões de discriminação de outros tipos: como de gênero, étnica, etária, de classe, educacional. Estudo dos processos de criação de discriminações, como no caso dos Surdos.

### **1.3. O Oralismo e a Deficiência**

Tudo começou com a estratégia mundial para a educação dos sujeitos Surdos, definida em 1880, no Congresso Internacional da Educação dos Surdos, em Milão, quando a abordagem do oralismo foi assumida: proibição de ensinar Línguas Gestuais e esforços para pôr as crianças Surdas a falar (oralizar) o melhor possível. As práticas educacionais aí decididas foram amplamente desenvolvidas e divulgadas em todo o mundo. Isto representou uma grande derrota para a Cultura Surda e, em especial, para o desenvolvimento linguístico gestual que lhe é próprio. Isto foi, e continua a ser, uma condicionante negativa para as vidas obscurecidas dos sujeitos Surdos (Perlin, G. et Strobel, K. 2006). A sociedade não aceita oferecer igualdade de oportunidade aos Surdos, devido, em especial, às barreiras linguísticas. Geram-se atitudes incorretas entre sujeitos Surdos e ouvintes. Destaca-se a fraca participação ao nível de formação académica, da política, da participação cívica até do mero preenchimento de livros de reclamações. Em 2001 a Organização Mundial da Saúde (OMS) elaborou uma tabela onde constava a nova terminologia e a filosofia global da “deficiência”, e alguma coisa começou a mudar. O uso médico da ideia de desvio foi sendo substituído pela ideia social de diferença inevitável, relativamente à condição surda. De então para cá, em Portugal, a perspetiva legal dos direitos sociais dos Surdos avançou, mas manteve-se o poder da perspetiva médica: os Surdos continuam a ser tratados como doentes. Cresceu a oposição à institucionalização segredada das pessoas com deficiência – prática importada da Europa Ocidental. Após a Segunda Guerra Mundial, a ideologia da normalização foi criticada como uma perspetiva desadequada. Mais tarde, o movimento social contra a discriminação e a exclusão opôs-se àquela perspetiva, ficando conhecida a divisão entre o movimento da deficiência e o modelo social. O modelo social é um choque para o “utente deficiente”. Nos anos 1960, no Reino Unido, ativistas com deficiência unidos no chamado “Social Disability Movement” deram o alerta. Esta iniciativa provocou uma transformação no modelo tradicional de entendimento da deficiência. A vivência da desigualdade, experimentada como “cobaias deficientes”, transformou-se na esperança, de integração na sociedade. É uma política que ataca o modelo médico tradicional. O modelo médico e o modelo social dividem os Surdos: a

peessoa com deficiência não deve ser vista como um simples “utente dependente do médico”, mas também não pode ser vista como alguém sem problemas “sociais” (Bampi, L., Guilhem, D., et Dornelles, A. 2010). As pessoas com deficiência têm de escolher um caminho: por exemplo, algumas pessoas Surdas necessitam do acesso à comunicação de forma mais ampla e outras pessoas Surdas preferem usar próteses auditivas ou implante coclear como suporte da audição. Do ponto de vista da Cultura Surda, porém, seria útil que todos usassem a LG como língua materna: no nosso caso, a LGP. Mas as opções são individuais e têm de ser adequadas e equilibradas, para cada pessoa Surda. Afinal, os balanços entre os dois modelos não são lineares. Após o nascimento de uma criança Surda numa família ouvinte, aparecem todos os problemas médicos, relacionados com o acompanhamento clínico dessas crianças. Cabe ao Serviço Nacional de Saúde (SNS) prestar cuidados a todos os cidadãos. Actualmente, a função primordial atribuída à família centra-se nas questões médicas e no diagnóstico. No entanto, o tratamento é contrário ao favorecimento do uso da linguística e das LG's enquanto primeiras línguas das crianças Surdas. A Comunidade Surda recebe a notícia do nascimento da criança Surda em festa, reforçando o papel dos pais ouvintes que cuidam e que, ao início, podem sentir alguma frustração com uma situação desconhecida. A forma como o médico apresenta o diagnóstico de surdez, os pais ficam chocados, deprimem-se como se fosse o fim de um sonho e culpam-se por terem um filho não normal, ficando frustrados e desorientados. Ansiosos, questionam-se: será que o meu filho Surdo vai ouvir em breve? A resposta da Comunidade Surda será que o filho tem duas vertentes: a pessoal (cor de cabelo, olhos, rosto, corpo e maneira de reacção e forma da educação caseira) pertence a família e a língua (forma de pensamento, compreensão, produção, discursos e construção de gramática) pertence a Comunidade Surda, sendo que a cultura e a identidade serão sempre as da Comunidade Surda, ou será deficiente. As crianças Surdas com pais ouvintes podem envolver-se na aprendizagem da nova língua. A perspectiva médica fez com que as Pessoas Surdas sejam rotuladas e consideradas deficientes, juntamente com outras deficiências que causam incapacidades. A sociedade não as acolhe como cidadãos. Actualmente, as crianças Surdas crescem em ambientes de desvalorização e de baixa auto-estima, e as famílias não se apercebem disso, devido à falta de informação sobre a Cultura Surda, o que afeta duramente a afetividade dos Surdos, conheçam ou não a Comunidade Surda. Há a limitação linguística e o distanciamento emocional entre a família e a criança Surda. A situação que não para de se agravar com o crescimento. E a perspectiva

sociocultural acredita que o crescimento dos sujeitos em contexto de grupo promove o espírito de Comunidade (pensamento, sobrevivência, bem-estar, língua, identidade e características próprias) e o desenvolvimento em geral. Defende que ser uma Pessoa Surda significa ter nascido Surdo e estar apto a utilizar a sua língua (em Portugal, a LGP), desde que a possa exercer. O ensino e a educação deveriam ter contributos das histórias e das representações da Cultura Surda, caracterizados pela experiência visual, pelo movimento, pelas expressões corporais e faciais, através de livros e digital, de desenhos e vídeos e, possivelmente, mais tarde, da codificação convencional da escrita gestual, que comprovam o caminho da auto-representação dos Surdos na luta pela qualidade da educação capaz de os reconhecer nas suas identidades, através da sua língua e das formas de expressões narrativas particulares: ler, traduzir, discursar, julgar os produtos culturais alimentam a auto-estima, a autoconfiança, e o reconhecimento da Língua Gestual como L1.

O termo deficiente designa perda de uma função do corpo. Pessoa com deficiência auditiva designa perda da audição após o nascimento e necessidade de treino auditivo, recorrendo a prótese auditiva e a terapia da fala. Esta pessoa é a sede do desenvolvimento de uma língua, de uma cultura e de uma identidade próprias, animadas por uma constante procura de encontrar o seu próprio espaço. A cultura dominante considera, no entanto, que esta Comunidade é um desvio à norma social, que deve ficar dependente, impondo-lhe processos de marginalização difíceis de contrariar por meras boas vontades. Ou seja, o termo Surdo funciona como um rótulo. A maioria das pessoas na sociedade, confunde Pessoa Surda com deficiente auditiva. Porém, estas duas noções podem não ser sinónimas. A Pessoa Surda corresponde a uma condição congénita: é quando se nasce Surdo, e não se ouve nenhum som. Por consequência, existem várias diferenças na aquisição da linguagem, bem como no desenvolvimento da comunicação, apreensão do conhecimento do mundo e da linguística. Mas não há razão para que o uso da LG, que é uma língua mais natural do que as línguas orais, não possa ser tão ou mais culturalmente desenvolvido do que o uso da língua oral. O que aconteceu nas equipas da intervenção precoce do nosso país é que se estabeleceu uma pressão dos profissionais da área de saúde que obriga a criança a ser normalizada. Há uma negociação conduzida pela perspetiva clínica sobre a família da criança Surda para colocar implante coclear (IC) (furo na massa óssea do cérebro para colocar o dispositivo coclear), que custa em média acima de dez mil euros. Esse negócio conta com apoios da equipa dos

profissionais da área de saúde, das empresas e do Estado. Os IC's, e outras cirurgias invasivas, apareceram no século XX nos Estados Unidos da América com a rápida evolução da tecnologia da audição, criados pelos próprios médicos da otorrinolaringologia (ORL) que colocam IC's em crianças Surdas. Em Portugal esse mercado surgiu e aumentou rapidamente a partir de 1995. A Comunidade Surda ainda aguarda pelos resultados dos estudos sobre o efeito dos IC's no crescimento linguístico/cognitivo e, por exemplo, o que aconteceu no acesso ao Ensino Superior sem apoio da LGP. Mas existem benefícios daí advindos para todos os profissionais da área da saúde, e incluindo as famílias. Os profissionais da área de saúde controlam o funcionamento desse aparelho e o desenvolvimento de fala da criança como um fantasma tutorial, com a participação da escola e da família. O enorme trabalho de adaptação da criança, sem a presença do profissional, não é valorizado ou reconhecido. As famílias tendem a refugiar-se na ideologia de normalização e nas dicas comerciais dos profissionais, mais do que na observação da natureza da criança Surda. Os professores de LGP substituem o papel como “mãe” ou “pai” do crescimento da criança, sem o agradecimento da família. Ao mesmo tempo, conseguiu-se o reconhecimento do Estado da importância da condição surda, e a respetiva resposta central no alargamento de políticas redistributivas que favoreçam e protejam a língua natural e a cultura da Comunidade Surda. Porém, isso aconteceu sem intervenção/conhecimento de instituições públicas, como a Segurança Social, a Educação, o Emprego. Na área da educação, na Escola de Referência deveriam existir tempos de qualidade, em horário nobre, favoráveis para a aquisição e ensino da LGP como L1, e não apenas para a terapia de fala. Na área da Segurança Social, concedem-se subsídios sem controlar o processo do desenvolvimento da criança Surda, nem reparar os abusos comunicacionais, emocionais e afetivos. As melhores estratégias mundiais referentes às crianças e jovens Surdos (e Pessoas Surdas em geral) incidem sobre o seu direito à língua, e não em tratamentos nos quais são vitimizados. Comprova-se que as causas primárias estão na família, sendo que cerca de 90% destas crianças Surdas nascem no seio de famílias ouvintes. Ignoram, pois, a existência da Cultura Surda e o modo como devem/podem encarar a surdez, como uma condição em vez de uma deficiência.

#### **1.4. A Língua Gestual e a sua Cultura**

A constituição da Comunidade Surda, dado o fato da maioria dos Surdos nascer em famílias de ouvintes, depende da possibilidade de auto-reconhecimento desde a mais

tenra idade, eventualmente oferecida pelas famílias, com apoio dos profissionais de saúde e das escolas. Na prática, nas condições atuais, a Comunidade Surda afirma-se na escola por dois aspectos diferentes: um sobretudo negativo e outro sobretudo positivo. O aspeto negativo diz respeito à via educacional que adotou uma metodologia do ensino destruidora das potencialidades do uso da LG e o aspeto positivo está relacionado com a área da formação profissional. A Casa Pia de Lisboa (CPL) é uma das instituições mais antigas de Portugal. Tinha uma forte formação profissional e “adotou” os educandos Surdos desde o ano de 1820. Organizou-os por classes segregadas, ou seja, compostas exclusivamente por Pessoas Surdas. Mais tarde, criou um instituto denominado de Jacob Rodrigues Pereira (JRP), que é uma divisão colegial da CPL, onde as Pessoas Surdas eram colocadas desde pequenas em regime de internato. O Estado salazarista entregou à CPL a procura por manter os direitos das crianças Surdas, no pós-nascimento, sem diagnóstico dos médicos. Ao mesmo tempo, promoveu o desenvolvimento da língua viva, a LGP. Todos os mestres, personalidades ilustres de diversas áreas, lecionavam a formação para Pessoas Surdas utilizando a LGP. Entre os mesmos estavam mestres Surdos que tinham obtido boas notas em formações anteriores, sendo favorável a sua integração no quadro profissional com outros mestres, que faziam parte do mundo do mercado de trabalho. Estas formações estavam relacionadas com profissões/funções que atualmente tendem a desaparecer com o surgimento das novas tecnologias ou por, simplesmente, deixarem de se tornar relevantes ou serem absorvidos noutras atividades. Neste sentido, nos dias de hoje, a requalificação profissional, juntamente com a educação e formação assumem especial importância. As situações modificaram-se e criaram-se as classes inclusivas. A inclusão, surge para valorizar a aprendizagem dos alunos individualmente, com equilíbrio e ritmo, estando favorecidos pelos seus meios social, cultural e económico, com exceção da inteligência emocional (bem-estar e vontade de aprendizagem). Na realidade, os alunos Surdos demonstram um choque cultural ao tratamento de discriminação oculta no meio da “educação especial”, com a conservação da política inclusiva e a preparação do ataque ao percurso da vivência na Comunidade Surda, disfarçado através da necessidade de normalização que não permite a diferenciação pela diferença. Esta é a perspectiva da equipa do Ensino Especial, não da política em geral. Os alunos Surdos encaminhados para o denominado ensino regular, experimentam a desigualdade da inclusão escolar e linguística. O Estado Social gasta milhões na massificação escolar e social dos seus cidadãos sem saber os resultados reais do desenvolvimento de cada criança, nomeadamente da criança Surda.

### **1.5. A escolarização**

A preocupação dos ativistas Surdos é recuperar a educação para favorecer a Cultura Surda, através de uma pedagogia clara e adequada para a Comunidade Surda: com a competência da LG como L1, cada Surdo deve adquirir o modelo da cultura e da identidade, contribuir para uma realidade ativa de comunidade e conhecer a realidade da sociedade para uma cidadania ativa e participativa. O Estado organiza as escolas dos educadores ouvintes que decidem qual o melhor caminho para educar estes sujeitos Surdos, sem consultar as instituições representativas da Comunidade Surda, por exemplo, através da alteração da lei do Ensino Especial (Decreto-Lei 3/2008 de 7 de janeiro, alterado pelo novo Decreto-Lei 54/2018). A finalidade determinada para esse tipo de ensino passou a ser ignorar os princípios da Comunidade e impor a normalização. O que acontece na vivência dos alunos/estudantes Surdos aponta para alguns indicadores de discriminação e de desigualdade: fraco investimento na aquisição da língua portuguesa como segunda língua, seja através modalidade escrita ou de leitura; retenções frequentes dependentes da oralização dos alunos Surdos; redução do programa curricular no caso de crianças Surdas, para facilidade de aprendizagem e conhecimento simplificado; ausência da participação da Comunidade Escolar na vida da Comunidade Surda; os profissionais colocados das escolas onde estão crianças Surdas podem não ter, como acontece geralmente, conhecimento nem fluência de LGP; mistura entre o ensino bilingue (função das duas línguas: LGP e LP) e inclusivo (escola regular entre Surdos e ouvintes, sem adaptação de cada mundo); despreocupação na criação do ambiente bilingue e na promoção de acessibilidades para alunos Surdos; pressão dos profissionais para impor modelo linguístico e cultural ouvinte; a concretização da cadeira da L1 para alunos Surdos, embora esteja prescrita pela lei, é entendida pelas escolas como um favor; há fraca participação do movimento associativo nas escolas de Surdos. Há membros da Comunidade Surda que se enquadram no contexto de portador ou pessoa com deficiência auditiva (ao gosto dos colonizadores) e remetem a Comunidade Surda para a teia do paradigma da deficiência. Ignoram a minoria cultural que pode produzir mais autonomia pessoal e desenvolver as suas próprias língua e cultura. Contra esta perspectiva dominante criou-se o movimento da Comunidade Surda. O movimento integra também pessoas ouvintes sensibilizadas e utilizadores de LG. A Comunidade sustentou-se em estudos Surdos, ao nível académico e na formação de identidades e culturas da Comunidade Surda. Os Surdos reclamam ser compreendidos



como pessoas capazes, como todas as outras, porque isso é uma forma de realização pessoal e de satisfação de necessidades identitárias próprias da espécie humana. Reclamando o reconhecimento da diferença, que vai para além do paradigma da deficiência, e criando medidas urgentes para combater a discriminação, a marginalização e o estigma. A condição da convivência entre sujeitos Surdos é parte integrante do processo de recriação da sua identidade. O processo atual de formação política e social de um grupo minoritário faz parte do mesmo processo. O reconhecimento da diferença e da alteridade não deve admitir criar um valor menor em relação ao que é participado pelos grupos hegemónicos. O movimento social lutou pelas identidades e Cultura Surdas, conseguindo conquistas como reconhecimento da LGP como língua oficial na Constituição da República Portuguesa (art.º 74, ponto 2 e alínea h), em 20 de setembro de 1997. Porém, na prática, a vida dos Surdos evoluiu muito menos do que o necessário para assegurar um acesso à auto-estima igual à dos outros concidadãos. Os membros ativistas da Comunidade Surda sentem-se inseguros para revolutear os direitos e as necessidades, a começar na educação, uma vez que a organização das escolas e da sociedade não é adequada ao esforço de igualdade de oportunidades, existencial, profissional e cívica. A experiência da Comunidade Surda oferece a contribuição de alertar, como é indispensável e, com a maior urgência, para a necessidade de “um novo olhar educacional”. Não é simplesmente o afastamento de uma perspetiva clínica. É a adoção, efetiva da mobilização de um olhar antropológico cultural, que facilite e apoie a transformação de representações sociais educacionais, mas também as políticas sociais, a respeito do sujeito Surdo e das potencialidades da sua cultura, com base na LG.

### **1.6. Formação profissional e o mercado de trabalho**

Atualmente, o acesso a formação é muitas vezes negado às Pessoas Surdas pela falta de condições comunicacionais e de informação para que possam aprender. Ao contrário do que acontecia nas formações de cariz profissional da CPL, atualmente quase não existe uma acessibilidade a cursos em LGP e com materiais adequados para Pessoas Surdas. Recordar-se ainda o desenvolvimento dos educandos Surdos que, com empenho e motivação, conseguiam gerir a sua própria vida e abriam lojas, armazéns, oficinas, sendo maioritariamente alfaiates, ourives, sapateiros, pedreiros, marceneiros, barbeiros, cabeleireiros, trabalhadores de alumínio, trabalhadores de vidro, etc., nas zonas do Porto, de Coimbra, da Grande Lisboa e na Margem Sul do Tejo. Nessa altura,

para manter o sujeito Surdo na sua atividade profissional, havia um acompanhamento familiar próximo, com irmãos, filhos, esposas, a colaborarem na comunicação e no atendimento ao público nesses negócios. Inclusivamente, a responsabilidade era dada ao parente mais chegado do Surdo, uma vez que existia uma lei notarial que não permitia a uma pessoa com deficiência ou com doença fossem donos de um negócio. Era a altura do Estado Novo, com o governo de Salazar. Estes donos Surdos contribuíram para a fundação de associações de Surdos, nomeadamente da Associação Portuguesa de Surdos (APS), de 1958, que ainda hoje está ativa com três mil sócios, sediada na Rua Professor Orlando Ribeiro (Lisboa). Esta associação esteve, e continua, na base de muitas lutas sociais, nomeadamente pelo acesso e manutenção no mercado de trabalho por parte de Pessoas Surdas, proporcionando, entre outros, apoio jurídico e de interpretação em LGP. Um dos objetivos dos fundadores da APS foi o combate contra o tal artigo da lei notarial, com a elaboração de uma petição para a eliminação do mesmo. Contudo, a lei mantém-se em vigor. Fazendo uma breve comparação entre os Estados Unidos da América (EUA) e a Europa, mais concretamente Portugal e Espanha, verifica-se que o desenvolvimento social dos Surdos está a ser muito mais lento na Europa. Verifica-se também que o grande movimento social Surdo começou nos EUA, estendendo-se depois à Europa e, por fim, a Portugal e a Espanha. Até ao momento, não temos conhecimento de que algum Surdo português tenha enveredado por estudar nas áreas das Ciências Sociais. Gostaríamos de, num futuro breve, ver uma Pessoa Surda (reconhecida como modelo integrador na Comunidade Surda) a obter esse tipo de habilitações superiores e que isso desse alento a toda a Comunidade Surda para mudar mentalidades e perspetivar um futuro melhor e mais inclusivo. Existem líderes e ativistas Surdos que, nos dias de hoje, lutam pela defesa dos direitos da LGP e pela qualidade de vida das Pessoas Surdas, numa tentativa constante de diminuir as desigualdades existentes e criar esperança. Nos EUA existe um documento denominado American Disability Act (ADA), que é uma lei com o propósito de estabelecer proibições claras e abrangentes relativamente à discriminação em razão de deficiência. A ADA pode definir-se como um amplo direito civil, uma lei que proíbe, em determinadas circunstâncias, a discriminação com base na deficiência, proporcionando proteção para as pessoas com deficiência norte-americanas, estando incluídas as Pessoas Surdas. Existia uma lei antiga sobre a discriminação com base na raça, religião, sexo, nacionalidade, e outras características sociais. A propósito desta luta contra a discriminação, no aeroporto de Chicago, foi autorizado a integrar doze Pessoas Surdas

com as qualificações necessárias a trabalhar no controlo de voo. Nos países nórdicos, há uma tradição de respeito pelos direitos dos trabalhadores Surdos. Pagam os seus impostos e existem vagas obrigatórias na admissão das Pessoas com deficiência em todos os concursos públicos. Por outro lado, no nosso país, aconselham-nos sempre com expressões como: “*tenha paciência*”, “*não ligue ao que os colegas lhe dizem*”, “*dê-me o contato para eu ligar*”, etc., não havendo uma resposta clara e direta às situações que vão surgindo no dia-a-dia. Preconceitos e formas de incompreensão assentam na história antiga e recente da humanidade e da civilização ocidental, na estratificação social e na marginalização de certos grupos sociais, porque nela fica o centro de toda a comunicação, sem o reconhecimento social e cultural da existência de modos gestuais de comunicar e conviver. Tratando-se do Surdo no mercado de trabalho, muitos tornam-se insuficientes nas suas qualificações por conta da dificuldade de comunicação. O termo inclusão aplicado às Pessoas Surdas no mercado de trabalho não é uma novidade, mas antes uma preocupação crescente na sociedade de hoje, que está um pouco mais atenta à diversidade humana. Apesar de existirem leis laborais para pôr em prática a inclusão da denominada pessoa com deficiência, a verdade é que ainda se está a tentar incorporar essas pessoas em diversas esferas da sociedade. Em Portugal existem, por exemplo, a lei para o atendimento das necessidades das pessoas com deficiência, a lei de quotas no emprego, que ainda não se respeita dentro das organizações. Quando se respeita cota, o tratamento do empregador é frequentemente assistencialista, não laboral, como é com os outros trabalhadores (Garcia, V. 2010). As reuniões/formações não assumem pagar o serviço de Intérprete de LGP; os trabalhadores Surdos desconhecem quase sempre a sua própria função e o seu perfil de trabalhador, por falta de participação nos movimentos de trabalhadores; a entidade patronal não respeita o trabalhador Surdo, existindo extremos de falta de proteção como deficiente. Por exemplo, a habilitação profissional dos Surdos não é adequada para a função exercida e há renumerações diferentes e mais baixas; desconfiança na comunicação e na atitude comportamental entre os trabalhadores Surdos e os colegas ouvintes. É evidente que os empregados Surdos têm um fraco impacto ao nível da participação no mercado de trabalho: têm níveis de escolaridade mais baixos, maiores dificuldades de acesso à comunicação e à informação, maiores taxas de desemprego e recebem rendimento inferior quando comparando com os outros funcionários e trabalhadores.

### **1.7. O papel das ciências sociais**

A antropologia e a sociologia são espaços apropriados para investigação da Cultura Surda, proporcionando conceitos e teorias de valor para a Comunidade Surda. Mas é realidade limitada e com crítica deficitária. Não têm contribuído para uma análise social e política positiva da minoria cultural Surda. Não fixaram nem desenvolveram nenhuma das categorias sociais utilizadas para descrever a existência da Comunidade Surda. Em meados dos anos sessenta, existia o modelo sócio - antropológico da Comunidade Surda nos EUA, o sujeito Surdo como membro de uma comunidade linguística minoritária – que faz uso da LG – e o sujeito Surdo como uma diferença que, acima de tudo, deve ser compreendida e respeitada. Este modelo entende o sujeito Surdo não como desvio e afastado da sociedade, mas sim como um ser humano que faz parte de uma cultura diferente, nomeadamente a Cultura Surda. Como toda a cultura, esta engloba identidades, linguísticas, políticas, problemáticas, etc. É uma cultura plena. Um dos aspetos mais interessantes sobre a Comunidade Surda é o despertar pontes entre todos os países, dado as LG's partirem da mesma base convencional: o uso espontâneo dos gestos. O maior problema enfrentado pelos sujeitos Surdos de diferentes nacionalidades é o impedimento de comunicar através da LG. Impedimento, politicamente produzido no século XIX e pelos seus representantes nas escolas e no estado, em especial. Cujas consequências perduram hoje. Na verdade, não se usa só de violência física, mas faz-se também uso de uma violência mais abusiva/intrusiva, como a imposição psicológica, através da desvalorização da LG e das suas culturas, principalmente aplicada por ouvintes adultos (pais e familiares) contra as crianças Surdas. O objetivo superior do modelo sócio - antropológico é reconhecer e garantir o direito dos sujeitos Surdos ao acesso à LG e, desse modo, às Culturas Surdas e ouvintes existentes. A sociologia sabe que o sujeito Surdo, como outro qualquer, não é independente das práticas sociais. É formado a partir das experiências de relações com as outras pessoas, e incorpora valores, sentidos e símbolos, ou seja, desenvolve a sua cultura pessoal. A Cultura Surda, cuja dignidade social é preciosa para os Surdos, é, porém, simplesmente ignorada. O reconhecimento e aplicação desta perspetiva sociológica à Comunidade Surda é importante para ajudar a melhorar as relações sociais dos Surdos. Na base da argumentação de Ladd (2017) está a utilização crítica da sociologia do desvio e da teoria da rotulação, recorrendo à recolha dos relatos de investigação da área das ciências sociais numa perspetiva histórica e dos tratamentos da

surdez segundo os paradigmas da diferença. Apontou a necessidade da sociologia produzir uma definição geral sobre a cultura capaz de incluir a vivência do povo Surdo. É importante alertar que o objetivo desta pesquisa não é entender a surdez ou a LG como desvio, o que seria conciliar com o modelo médico. O objetivo deste trabalho é incentivar ao estudo de bases sociológicas sobre o desenvolvimento das identidades sociais na base do paradigma da diferença, do desvio e da rotulação, para desmontar ideias erradas e clarificar as posições entre duas perspectivas (anexo A).

### **1.8. Movimento Associativo**

O movimento associativo da Comunidade Surda, foi criado em 1934, em Portugal, tendo algumas associações permanecido ativas e outras acabaram por se extinguir. A associação de Surdos mais antiga e ativa é a Associação Portuguesa de Surdos (APS), fundada em 1958. O objetivo da criação de uma associação de Surdos é ser um centro de convívio frequente, onde as pessoas Surdas podem conviver, independentemente do local da residência. Há uma diferença entre o movimento associativo e a associação, mas a Comunidade Surda misturou ambos para promover o desenvolvimento da sua autonomia e sobrevivência, através das participações dos associados, da promoção do bem-estar dos Surdos, das demonstrações da vontade e da responsabilidade dos Surdos para assumirem a gestão das atividades deste centro e das lutas pela defesa dos direitos gerais (acessibilidade) e específicos (poder local). O centro de convívio demonstra claramente a enorme vontade das pessoas Surdas em encontrarem um espaço onde possam expressar-se em liberdade, sem discriminação nem desconfiança cultural. Esse convívio é essencial para as pessoas Surdas partilharem/trocarem experiências e ideias, discutirem vários temas, pedirem novas informações e terem um diálogo aberto. Os ativistas do movimento associativo da Comunidade Surda combatem a discriminação direta e indireta, beneficiando da investigação social como medida de ajuda na tomada de decisões políticas para a promoção dos seus princípios. Criaram uma comissão de investigação específica, da LGP. Mas os ativistas são muito poucos entre os Surdos e as barreiras linguísticas herdadas são enormes. As lutas do movimento associativo estão a diminuir por falta de alargamento do legado dos ativistas mais novos e mais velhos. O reconhecimento da LGP na Constituição da República Portuguesa (CRP) no ano de 1997 pode não ter sido suficientemente bem utilizado pelos dirigentes das associações de Surdos. Estes demonstraram alguma falta de entendimento sobre o significado da CRP e do exercício

de direitos. O entendimento dos dirigentes Surdos sobre o movimento associativo, ou seja, as Associações de Surdos, é sobretudo virado para o interior, para o convívio entre os sócios, organizando eventos específicos, principalmente culturais e desportivos. Sobre outros temas como formações, reuniões e conferências, acabam por se distanciar. Afastando-se também da situação real de grande desigualdade social. Descartando também os problemas específicos das mulheres, das crianças/jovens e dos idosos Surdos. As organizações internacionais de Surdos estão a trabalhar ativamente no sentido de avançar no reconhecimento das Línguas Gestuais, opondo-se à discriminação direta, nunca tendo desistido da luta, uma vez que têm de cumprir a visão da Federação Mundial de Surdos (WFD) e na Europa, nomeadamente na União Europeia de Surdos (EUD). Em Portugal, conseguiu-se uma lei: o reconhecimento da LGP pela CRP, graças à luta dos membros da antiga comissão denominada por Comissão para o Reconhecimento e Proteção da Língua Gestual Portuguesa e Defesa dos Direitos das Pessoas Surdas (CRPDDPS). Atualmente existe a Comissão para a Defesa de Língua Gestual Portuguesa (CDLGP) mas o número dos voluntários é muito reduzido. No caso das pessoas Surdas e das questões gerais, as novas tecnologias e redes sociais mostram-se como um meio de expressão particularmente importante. Além de constituírem uma minoria linguística, os Surdos configuram um público com poucas oportunidades nas grandes arenas de discussão face a face, possuindo ainda um segundo obstáculo para a sua participação ativa: os dirigentes das associações de Surdos enfrentam o mesmo espaço da desconfiança cultural de todos os outros Surdos, porque as instituições opressoras que destruíram a auto-estima e a cultura própria sobrevivem, e o espírito oprimido também. Confundidos por não conseguirem enfrentar todos, preferem deixar tudo como está, organizando os eventos tradicionais e desviando-se das lutas. Os testemunhos dos entrevistados para este trabalho mostram os medos sobre a realidade da sociedade e das associações de Surdos: não aderem a manifestações, nem reclamam conjuntamente, impotentes para ultrapassar as barreiras comunicacionais. Esperam por uma justiça que apareça do nada em nossa defesa e, por isso, isolam-se.

## **CAPÍTULO II: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA SOCIOLÓGICA E ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO**

Goffman (1978) considera que a estigmatização é realizada a partir de uma forma de classificação social (configurada a partir de um conjunto de valores e normas coletivas), uma pessoa/grupo classifica a outra/grupo a partir de atributos positivos (normais) ou negativos (estigmatizados). Este autor relaciona as normas sociais com a construção das identidades, sejam elas pessoais ou de grupos. Seleccionámos estes autores cujas obras tratam de problemas sociais e educacionais porque consideramos os mesmos transversais à problemática da Comunidade Surda. Pensando o sujeito Surdo como o indivíduo estigmatizado, na sua vida quotidiana, isso pode ajudar a explicar as suas inibições de usar a cultura e a identidade Surdas, constituídas de forma pobre atualmente, a partir da legitimação e da aquisição de uma língua própria, a LG. O atraso no desenvolvimento da educação adequada aos Surdos é uma continuação de ameaça contra a constituição e fortalecimento da Comunidade Surda, que devia concretizar o seu direito de usar a LG como L1. Segundo a teoria de Paulo Freire, a Pedagogia do Oprimido pode e deve libertar os oprimidos dos colonizadores. O termo “oprimido” representa o indivíduo que é vítima ou é obrigado a inferiorizar-se a quem manda. Um indivíduo Surdo, enquanto oprimido, é aquele que foi sujeito a alguma forma de violação/abuso da possibilidade de aprendizagem da sua forma de comunicação e linguística natural. A postura de oprimir está relacionada com o desenho de colonização, onde a população que não segue as normas da comunidade maioritária, sente que é pressionada e obrigada pelos opressores, neste caso, a usar a língua oral. Quando um indivíduo Surdo é oprimido, significa que está sob pressão e que não tem espaço para se expressar livremente. Normalmente, assim como acontece na colonização, este termo é utilizado na discussão entre pares ou grupos para se referirem a sentimentos partilhados, acreditando logo, que são “oprimidos pelo ouvinte”, ou seja, pressionados pelos opressores a não terem “saída como oprimidos”, permanecendo de forma submissa e ocultada pelo segredo social que anula direitos reconhecidos formalmente mas negados na prática, por efeito da negação da opressão por parte de opressores e oprimidos. O oprimido é aquele que é controlado, enquanto o opressor é o agente que domina. A opressão pela educação foi concretizada porque os Surdos foram proibidos de falar a sua língua, a LGP, e tinham de obedecer a tudo o que colonizadores mandassem, na época do oralismo. Ainda hoje, algumas décadas após o fim do oralismo, muito sujeitos Surdos, na sua vida adulta, desconhecem a forma da educação correta para os Surdos e

desejam ter sido educados como “eles”, os ouvintes, sendo obrigados a oralizar. O uso da educação pelos opressores é contra-intuitivo e deveria ser educar para humanizar e não para desumanizar. No fim, a maioria dos oprimidos não descobrem nada de bom em si próprios. Passam a vida a tentar corrigir a sua identidade própria, por desconhecerem a sua língua materna, a cultura que lhe é própria e os valores que lhe são próprios. Destroem a sua identidade potencial e reconhecem-se a si próprios como inferiores, num mundo maioritariamente hostil, acreditando no mito que diz “*o ouvinte está sempre certo e nós estamos mal!*”. Foram ensinados que estariam condenados a espaços institucionais próprios para deficientes, sem autonomia. O problema de humanização dos Surdos que se seguiu decorreu da primeira violência incorporada na própria identidade social de quem foi alvo desse ensino, durante várias gerações. Isto significa que os oprimidos Surdos têm um grande desconhecimento de si próprios e das normas/valores da sua Comunidade, por falta de ciência que os identifique na sua circunstância particular. Os oprimidos frequentemente não se querem envolver nas lutas dos movimentos sociais porque têm medo de ser penalizados e optam por viver segundo o sistema dos opressores para sustentar a sua vida. Os opressores culpabilizaram os oprimidos por utilizarem espontaneamente uma língua própria, quando não conseguem falar oralmente. O resultado da reabilitação da educação desde o século XIX até à atualidade é insignificante, se medido em termos das necessidades de boa vida dos Surdos. Mas os opressores têm continuado a insistir e a fornecer objetivos enganosos às expectativas rebaixadas das famílias, desavisadas dos significados de ser Surdo e da existência e do valor da Comunidade Surda. O oralismo, como a metodologia de ensino, tinha e tem fracos resultados para o desenvolvimento pessoal social, cognitivo, linguístico e de comunicação dos educandos Surdos. Os educadores colonizadores organizaram o festival da educação e ignoraram a discussão do desenvolvimento da educação linguística e cultural, a psicologia emocional e cognitiva. A partir daí, a Comunidade Surda sentiu o seu mundo a fechar, bem como as oportunidades de integração na sociedade. O resultado foi e é divisão em diferentes grupos dos membros da Comunidade Surda, acusando-se mutuamente de negação. A fama da metodologia do oralismo dividiu estes grupos como se fosse uma lavagem de cérebro. Acreditar que as pessoas surdas com melhor audição ou fala são intelectualmente superiores provoca uma auto-estima fraca entre todos os Surdos e desconfiança mútua entre todos os membros da Comunidade Surda, assim inferiorizada relativamente aos ouvintes e hierarquizada internamente (Kessler, T. 2008). O processo de construção das



identidades sociais do indivíduo Surdo comporta, de uma maneira evidente, o estigma (Goffman, 1978). A luta do movimento da Comunidade Surda para eliminar a rotulação estigmatizante que supera as barreiras linguísticas e sociais e reclamar igualdade de oportunidades na educação e nos acessos a profissões, desperta e espanta a sociedade que acha que isto é impossível. O próprio indivíduo Surdo estigmatizado demora a acreditar em si mesmo. Considera que está, por natureza das coisas, num lugar baixo da estratificação social. Por isso, a diferença entre o grau da deficiência auditiva leve ou moderado e profundo é uma influência negativa da rotulação infligida por eles mesmos contra si próprios: Surdos oralizados e não oralizados, implantados e não implantados, universitários e não universitários. Para além das clássicas divisões de género, cor, etnia, idade e posição de classe, tudo é pretexto para organizar uma classificação hierarquizada à priori (Goffman, 1979). No final da vida escolar, os finalistas Surdos, desumanizados e oprimidos, têm dificuldades de estar bem consigo mesmos. Não conseguem ser globalmente independentes, recolhendo-se a nível familiar e/ou institucionalizado. Mais tarde, pode iniciar-se uma situação de maior confronto ao nível da comunicação e da relação com os estranhos. Sobretudo quando sofrem manipulação de especialistas de reabilitação orientada à cultura oral, como afirma (Paulo Freire 2005, p. 57) “ (...) *é com ele (opressor), com quem o oprimido aprende a torturar. Com uma diferença sutil nesta aprendizagem: o opressor aprende a torturar os oprimidos. Os oprimidos, a ser torturados pelo opressor*”. Os Surdos apoiantes do opressor não reconhecem a consciência de si mesmos, nem descobrem que são oprimidos. Dependentes do sistema dos opressores, vitimizam-se e culpam-se por serem Surdos, sentindo vergonha. Chama-se medo de liberdade à reclamação escondida pelos oprimidos Surdos que temem a liberdade de expressão da própria língua e seguem os opressores que comandam a estrutura de aprendizagem do sistema educativo. Entendem que não é permitido reclamar porque ninguém os defende. Optam por não dizer nada e fingir que está tudo bem, como no tempo do Estado Salazarista, quando o espírito de proibir (Dores, A. 2008) era a norma. No caso do “*Surdo oralista*”, os Surdos que sabem falar (relativamente) bem, podem tender a tornar-se opressores dos mais fracos e aproveitar-se para manipulá-los, superiorizando-se, exibindo as relações que estabelecem com os ouvintes, mais do que com os Surdos oprimidos. Quando saem da escola opressora, os oprimidos Surdos reconhecem-se como um ser submisso, demonstrando uma fraca reflexão e acreditando numa falsa realidade/esperança de viver sob proteção de outrém. Seguem a realidade opressora e, por isso, não será possível

transformar a realidade actual. Por outro lado, são poucos os ativistas para criar uma estratégia de reivindicação de justiça social e atacar o sistema opressor: a educação especial que produz deficientes. Muitos dos sujeitos Surdos temem a liberdade. Preferem vivenciar o mundo colonizador e o isolamento social da Comunidade Surda. Hoje há uma nova construção de identidade e novos saberes, mas a maioria continua a desconhecer a cultura própria e identidade da comunidade. A lei estabelece que os alunos Surdos sejam submetidos a uma educação bilingue, na qual a LGP deve ser considerada a L1 (L1) e a Língua Portuguesa, na modalidade escrita, a segunda (L2). Apesar de o bilinguismo ter como proposta o ensino de duas línguas no contexto escolar para a Comunidade Surda, está por demonstrar a capacidade de ensinar duas línguas no mesmo espaço escolar. Espera-se que venha a ser possível uma mudança da filosofia educacional, política, linguística, cultural e social. É importante alertar que não se trata de uma mudança metodológica, mas sim de uma mudança de concepção sobre o sujeito Surdo, proveniente de múltiplas contribuições, como a divulgação dos modelos bilíngues e biculturais e o aprofundamento teórico acerca das concepções sociais, culturais e antropológicas sobre a Comunidade Surda. Essa falta, no caso da Comunidade Surda, torna-se estigma, no sentido que lhe dá Goffman: a surdez torna-se manipulável, modificável e até mesmo curável. Isto porque a Comunidade Surda, ou seja, o sujeito Surdo, constrói-se e determina-se nas relações sociais como uma patologia; logo, transforma essas relações sociais em estigma invisível, a Comunidade Surda tem um estigma que a sociedade não repara e nem imagina poder ser assim. Segundo Goffman, o estigma implica acreditar que alguém com um estigma não é completamente humano. A sociedade constrói vários tipos de discriminações, diferenciando-as das pessoas normais, muitas vezes sem pensar. Não se dando conta de estar a reduzir as oportunidades de vida dos seus alvos: construímos uma teoria do estigma por e para acreditarmos nos perigos e riscos de inferioridade. A Surdidade (Deafhood), o orgulho dos Surdos na sua cultura de base de LG, contribuiu para despertar o reconhecimento da existência da Cultura Surda. Mas ainda falta fazer muita pesquisa avançada em Portugal, nesta perspectiva. Hoje é difícil a compreensão pelas ciências sociais dos aspetos positivos da Surdidade na mentalidade e nas identidades dos Surdos. Ladd alerta para a existência de um espaço de conflito no relacionamento entre a minoria (Surdos) e a maioria (ouvintes). A própria teoria de Ladd é um “desentendimento” e refere-se a um choque de culturas. Relatou a parte institucional da educação dos Surdos: ao longo dos anos, os educadores discriminaram a língua/cultura

próprias destes educandos e até os próprios educandos se auto-primiram, ao usarem o modelo médico para se representarem a si mesmos como deficientes. A nossa dissertação procura ser um passo para apresentar a Comunidade Surda ao campo sociológico e a necessidade da pesquisa etnográfica da vida dos membros da Comunidade Surda, as Pessoas Surdas. Espera revelar as consequências existenciais e sociais da apreensão criada por um mundo que exacerbou as dificuldades de comunicação, os preconceitos e a segregação a respeito dos Surdos. A discussão de se o Surdo, como sujeito, é deficiente ou não, ao ocupar o espaço principal da vida dos Surdos, por imposição da educação da Comunidade Surda é causa de opressão cultural baseada não só na desigualdade linguística, mas também na ameaça, geralmente violentamente concretizada, à integridade das identidades. O estigma da Comunidade Surda implica auto-exclusão social. Consideramos que definição do método é parte integrante do desenvolvimento do enquadramento teórico para a valorização dos entrevistados Surdos, promovendo-se o levantamento das questões centrais do estudo da problemática através da promoção da participação dos Surdos na vida diária na sociedade, ao mesmo tempo que recolhemos os dados e estabelecemos o rumo da investigação. Depois poderemos analisar perspectivas sociológicas dos atores sobre a sua história e prática no contexto da experiência de vida. Na construção de conhecimento sobre o contexto em estudo, sobre os acontecimentos após a dimensão educacional e o acesso à integração nas várias áreas da sociedade. Optando por entrevistados Surdos escolhidos entre os mais bem-sucedidos da Comunidade Surda, este levantamento releva uma forte presença do espírito oprimido e, portanto, ainda está sobrecarregado pela visão colonizadora. A análise dos discursos dos entrevistados foi feita pelo modo interpretativo/argumentativo, segundo as nossas opções metodológicas, as técnicas de recolha de dados e o processo de análise/interpretação dos dados. Acabou por destacar a centralidade de o sentimento de “desconfiança” existente entre os sujeitos Surdos e a sociedade. Na realização desta investigação, pretendeu-se analisar/compreender a construção de fenómenos de “desconfiança” no seio da Comunidade Surda, a sua influência nos percursos de vida e nas narrativas dos entrevistados, que constroem e narram os acontecimentos de participação social (família, escola, emprego, convívio e lutas) e vivências do sistema social. Focámo-nos no estudo de uma comunidade abandonada, onde há escassez das ciências sociais, subjugada pelo discurso médico sobre a surdez que constrói um reconhecimento errado da condição de ser Surdo. Achamos importante a intervenção das ciências sociais, com um enquadramento

metodológico útil à compreensão do contexto e dos acontecimentos específicos de cada entrevistado. Para o processo da seleção do objetivo de estudo e da sua articulação com as concepções teóricas e os dados empíricos, usámos um “olhar” sociológico que tenha conhecimentos a partir de dentro da Comunidade Surda, como aquele que ocupa os primeiros capítulos desta dissertação, deixando o sinal para a necessidade do reconhecimento da existência cultural de uma Comunidade, em vez de classificar os Surdos como deficientes. Os quartos sujeitos Surdos entrevistados foram selecionados tendo em conta o seu papel de referência e trabalho pertinente desenvolvido na Comunidade Surda. Foi nossa intenção promover a discussão e troca de ideias sobre a problemática de Surdividade. Foi uma tarefa difícil, mas acessível, uma vez que já nos conhecíamos e tínhamo-nos cruzado em momentos da vida da comunidade. Além disso, envolvendo um investigador Surdo no processo, fez com que a abertura/colaboração neste estudo fosse mais fácil (de outro modo, poderia até ser impossível). Apresentados os objetivos da investigação, realizámos quatro entrevistas sem barreiras de comunicação, por via da LGP. Assim, seleccionámos quatro pessoas Surdas. Todas concordaram em participar em entrevistas anónimas, mas mostraram-se um pouco fechados para a discussão/reflexão. Três dos entrevistados concluíram o ensino superior e todos têm planos para continuar os estudos, seja pela via de um curso de profissionalização ou de doutoramento, o que nos oferece uma experiência enriquecedora. São reconhecidos pela Comunidade Surda como modelos e participantes ativos da mesma. Para o nosso estudo, isso pode possibilitar uma compreensão mais alargada da situação. A princípio, foi difícil assumir este pedido, tendo sido depois criada uma página do facebook com vídeos explicativos. Demoraram algum tempo a aceitar e usar o formato de vídeo como registo através da plataforma *wetransfer*, a par do envio de correio eletrónico para os endereços pessoais. Só pessoas bastante qualificadas poderiam responder a este método de recolha de informação. Sobre o nosso trabalho de investigação, os entrevistados afirmaram que tinham conhecimento da situação e a resposta foi neutra, reclamando a confidencialidade e a não divulgação de imagem dos vídeos (não serão apresentados no trabalho). Autorizaram o uso das transcrições, desde que mantendo o anonimato. O período de transcrição foi a tarefa mais dura e demorada de todo o processo, trabalhando-se horas e dias a fio para traduzir cuidadosamente as informações transmitidas em LG para Língua Portuguesa, sob a forma de escrita. Elaborámos entrevistas semiestruturadas com a ajuda de um guião de perguntas (anexo 2), aplicado à amostra de quatro entrevistados Surdos. As questões

enquadraram-se em torno de seis dimensões: Pessoal, Género, Idade, Tipo (grau de surdez), Família e Profissão, o que nos permitiu recolher o máximo de informações possíveis sobre o modo como os entrevistados construíram, criaram e desenvolveram o seu conceito da Comunidade Surda.

**Quadro 1: Caraterização dos entrevistados [S1], [S2], [S3] e [S4]**

<b>Entrevistados</b>	<b>Género</b>	<b>Idade</b>	<b>Tipo</b>	<b>Família</b>	<b>Profissão</b>
<b>S1</b>	Feminino	51	Nascença	ouvintes	Bolseira
<b>S2</b>	Masculino	40	Nascença	Surdos	Técnico
<b>S3</b>	Feminino	44	Nascença	Surdos	Docente
<b>S4</b>	Masculino	32	Nascença	ouvintes	Docente

### **CAPÍTULO III: ANÁLISE DAS ENTREVISTAS**

As entrevistas, após a transcrição (anexo C, D, E e F), foram sujeitas a uma análise com base em cinco principais dimensões: Pessoal, Familiar, Escolar, Emprego e Comunidade. Numa primeira dimensão consta de nome próprio individual e dados pessoais dos entrevistados. A segunda dimensão conta com as descrições do papel da família, as relações que construiu e como isso influenciou o desenvolvimento dos entrevistados. E a terceira dimensão, concentrámo-nos na escola, onde frequentou, o tipo de escolas, as turmas, as dificuldades e os sucessos ao longo do processo de vida escolar, os momentos que vivenciou. Na quarta dimensão, tratou-se sobre do emprego, as competências de cada entrevistado e as suas dificuldades de acesso ao mundo laboral. A quinta dimensão é sobre a sua perspetiva de cada um sobre a evolução da Comunidade. Optámos por uma análise interpretativa do discurso dos textos produzidos por cada entrevistado, para cada situação, a partir da nossa perspetiva crítica sobre a problemática social. O nosso objetivo é fazer uma crítica dos textos transcritos para esclarecer sobre a existência da desconfiança na vida dos Surdos, independentemente da eventual concordância (ou não) do entrevistado. As entrevistas confirmam a existência de relações traumatizantes dos entrevistados Surdos com os respetivos processos de integração social, em especial relativamente ao modo como o sistema educativo e os encarregados de educação interferem. Sem uma informação clara e formação do percurso específico, intervieram de forma incompetente na construção de identidades pessoais sem ligação à Comunidade Surda, marcadas por sentimentos de desconfiança, consequência de “lavagem da identidade” face aos outros e a si próprios. Mostram como as gerações de Surdos estão desligadas entre si, como que começam sempre a partir do nada, isto é, a partir das relações com o mundo ouvinte. A visão colonizadora, o modelo

teórico sociológico que não certifica a existência de uma Comunidade Surda e as práticas sociais, desconsideram a oportunidade específica de cada um dos indivíduos Surdos, em particular no sistema educativo e na formação capacitante tradicional – a formação profissional. Em verdade, o conceito contraditório de educação provocou algumas dúvidas nos entrevistados. Os próprios entrevistados não acreditavam que a educação seria desadequada e julgavam que fosse normal. Não notam a urgência de reformar a educação própria da Comunidade Surda no acesso à língua e à cultura. Tais dúvidas revelam a ausência do acontecimento esmagador dentro da educação que deveria ter ocorrido aquando do reconhecimento da LGP como língua oficial no país. A ausência de uma política educacional da Comunidade Surda, capaz de garantir as condições justas de acesso a uma educação verdadeira e ao conhecimento de oportunidades de uso da Cultura Surda, incluindo o reforço da consciência do indivíduo Surdo de ser responsável pela sua educação e pela sua orientação profissional e social, como meio para a transformação dos indivíduos na sociedade. A própria associação de Surdos não consegue dar resposta clara à falta de consequências positivas do reconhecimento legal dos novos direitos dos Surdos, devido à ignorância da problemática social. O maior problema é a identidade própria da Comunidade Surda que poderia influenciar a liderança e os líderes. A sua ausência dificulta a resposta. Os entrevistados envolvidos no ativismo sentiram o mesmo. Os líderes estão na mesma situação dos nossos entrevistados: desconfiados das suas próprias potencialidades, como membros da Comunidade Surda. Apesar de estar inserida na sociedade em geral, não tem visibilidade suficiente, incluindo à observação dos Surdos, para despertar consciências. Esta falta de consciência da presença da Comunidade Surda pode-se caracterizar por: relacionamento linguístico limitado (entre Surdos e ouvintes); atitude comportamental (egos defensivos e socialmente inertes); confronto físico (aproximação dos ouvintes e distância entre Surdos); níveis de pensamento e sentimento (perspetiva de comunicação hierarquizada); diferentes identidades (sobretudo vinculadas ao mundo dos ouvintes). Essa falta passou a desconfiança cultural, criando um choque entre dois mundos; os entrevistados mostraram consciência desse impasse social. A nível educacional, se falarmos numa educação inclusiva onde as turmas são organizadas com uma maioria de alunos ouvintes e com poucos Surdos, e onde os docentes não são proficientes em LGP, como se vai ensinar a estas crianças o “conhecimento da sociedade”? Este conhecimento para as crianças ouvintes é instintivo, intuitivo e fluido, uma vez que as aprendizagens são feitas em grande medida através de estímulos

auditivos tão presente na vida quotidiana, mas imperceptíveis para os Surdos. A formação profissional nem sempre está ao alcance da população Surda. O acesso a intérpretes ainda é restrito e as instituições nem sempre estão preparadas ou aceitam Pessoas Surdas. Focando-nos numa perspectiva de mercado de trabalho, podemos verificar que a maioria das empresas emprega um Surdo e a maioria dos trabalhadores é ouvinte. Os idosos e reformados Surdos ainda não têm um centro de dia com profissionais conhecedores de LGP que lhes possam proporcionar uma velhice com dignidade e acesso à comunicação com todos e entre todos. A nível legislativo, a Comunidade Surda insere-se no grupo dos deficientes, sem que tenham sido auscultadas as opiniões e perspectivas da própria Comunidade Surda. O Estado ajuda com os chamados apoios técnicos (implantes cocleares) com o objetivo de resolver o problema e devolver a audição aos indivíduos, ignorando as outras perspectivas existentes e os possíveis riscos emergentes. Os indivíduos Surdos vivem os obstáculos da sociedade e as dificuldades em proporcionar respostas específicas sobre a sua participação social, a três níveis: participação cívica do sujeito Surdo no exercício da liberdade individual, por desconhecimento dos princípios dos direitos da cidadania; participação ativa na política, sendo fraca a participação na política institucional por não terem acesso de comunicação/informação através da interpretação em LGP; e participação social que se refere a um tratamento tradicional do Estado e das instituições de acordo como o paradigma da deficiência e na gratuidade do acesso, esquecendo o direito à comunicação, à informação e, portanto, à participação. O olhar da sociedade em geral acusa a Comunidade Surda de se parecer com um gueto. Mas o cultivar de uma Cultura Surda é a única base a partir da qual é possível imaginar a descolonização dos Surdos, proporcionando sentimentos de confiança atualmente inexistentes. A Comunidade Surda é uma esperança de confiança num mundo de desconfiança, porque alimentou a energia negativa dos opressores da educação ao longo do tempo. Contribuiu-se, assim, para decifrar certos grandes transtornos nas sociedades modernas: o afastamento, a rejeição, a estigmatização, a eliminação das potencialidades da identidade Surda. Ultrapassar a crise da confiança para estar ao nível da correção e capacitação pode depender da capacidade de eliminar desconfiança dos Surdos perante a Comunidade Surda, tomada por muitos deles como semelhante à sociedade opressora. Da investigação transparece a existência de uma particularidade em cada sujeito Surdo: como uma nódoa negra de ignorância e de negação pela sociedade atual. Aponta-se a Comunidade Surda para um lugar de “desconfiança” numa sociedade, porque se

desconhece a cultura desta minoria e tenta-se reduzir o conhecimento social à inclusão, à aceitação total, à linguagem geral, mas sem conteúdo existencial: uma opressão sofrida como insuperável por cada Surdo. O processo da sociedade para integrar os Surdos não pode ser apenas legislativo, mas também de cidadãos mais inclusivos e participativos. Tem de investir na valorização da identidade proporcionada pela existência da Comunidade Surda para eliminar o isolamento íntimo dos Surdos, passando a entender as dificuldades de comunicação, de língua diferente e de fraca oportunidade como resultados de políticas colonizadoras, a transformar. A desconfiança influencia o autocontrolo dos Surdos oprimidos, quando não existe respeito pela Cultura Surda: isola-se mais na sociedade majoritária e, pelo contrário, os sujeitos majoritários apontam os sujeitos Surdos como preferindo ser um “gueto”, dependente da sua própria desconfiança, ou seja, da desconfiança cultural de uma Comunidade com a auto-estima roubada por sistemas biomédicos e educativos desajustados e ignorantes da especificidade dos Surdos. Abordando a questão da desconfiança cultural, manifestam-se as preocupações da Comunidade Surda sobre a modernidade que traz incerteza e insegurança à sociedade. Com dificuldade em refletir em relação ao futuro sem os apoios necessários, sabendo que, à economia, interessa um sujeito autónomo, o Surdo sente-se desamparado. A reflexão, devia contribuir para o conhecimento, a cultura, a lei, a mudança da mentalidade dentro da sociedade, que se manifesta positiva à vista do projeto de construção da Comunidade Surda capaz de ser reconhecida pela sociedade. Esta reflexão é, porém, evitada pela ignorância, a falta da liberdade de pensamento/expressão. Como podemos eliminar a desconfiança? O movimento associativo continua a lutar e a combater a discriminação e a exclusão social, tentando ampliar os direitos e deveres dos indivíduos com o intuito de eliminar barreiras de comunicação e informação, bem como fazer com que as desigualdades gerais se esbatam dando lugar à (re) participação plena na sociedade por parte destes cidadãos, para que possam beneficiar de todos os seus direitos e deveres tal como qualquer outro cidadão do mundo – eliminado a desconfiança cultural. A liderança deve, ou não, tomar uma posição “radical” para combater e contradizer o medo e o silêncio, combatendo a desconfiança na sociedade e na Comunidade? Sem combater a desconfiança o isolamento dos Surdos e da Comunidade serão maiores. Refletindo sobre os testemunhos recolhidos, podem pensar-se medidas para combater a desconfiança da/na Comunidade Surda: a nova visão de Surdidade.



### **3.1. Síntese da Análise**

Nos quadros seguintes são apresentados os dois textos (discurso de entrevistado e os comentários críticos a partir da nossa perspectiva e de conhecimentos que adquirimos no convívio anterior com os entrevistados) que estão relacionados com as cinco dimensões (Pessoal, Familiar, Escolar, Emprego e Comunidade) para dar uma melhor perspectiva sobre a nossa análise. A dimensão entrevistada transvia-se as críticas:

#### **Dimensão pessoal:**

No que se refere à dimensão pessoal, já foi referida a questão do trauma social, essencialmente no que respeita à utilização da Língua Gestual no passado, tal como **S1**: *“No meu tempo, a Língua Gestual Portuguesa não era visível...”* De facto, a sociedade não admitia que os Surdos pudessem comunicar na sua língua natural por considerarem uma língua minoritária e algo “fora da natureza”, embora existissem sempre Surdos que utilizavam a Língua Gestual, como é visível em **S1**: (...) *“havia sempre Surdos que utilizavam a LGP, mas a sociedade olhava a LGP inferior (como “macacos”).*

#### **Dimensão familiar:**

**S2**: *“Os meus pais são Surdos e não completaram a primária, entregando a responsabilidade à avó materna que era professora da primária que depois encontrou o Jacob e pôs-me lá. Até que eu decidi avançar sozinho e procurei a escola melhor para mim, decidindo as mudanças de escolas até ao fim.”*

A representação social, ou seja, a responsabilidade do encarregado de educação foi sempre substituível dos pais para a avó, porque os próprios pais Surdos reconheceram barreiras e como se estivessem incompletos a nível escolar, entregando a responsabilidade à avó para educar melhor o filho. A auto-estima dos pais ainda não admitiu estar orgulhoso de ser Surdo.

**S3**: *“Foi a minha avó que me controlava sempre porque julgava que todos os Surdos eram assim, mas não é!”*

A entrevistada sente-se frustrada pelo controlo da avó. Tal como o entrevistado **S2** sobre a representação social, porque os seus pais são Surdos, possivelmente a avó não assumiu a natureza dos pais e seguiu as regras da desconfiança social.

**S4**: *“Exigiram-me para eu oralizar, antigamente não havia Língua Gestual Portuguesa, usava-se mímica e terapia de fala. À parte de tempo, integrei-me na turma*

*dos ouvintes. Na altura, eu frequentava aquela escola e a minha professora exigia-me muito para escrever, quando terminava as aulas levava os trabalhos para casa e tinha trabalho de escrita e leitura com o apoio da minha família.”*

É um investimento pessoal substituível da primeira língua para segunda língua como português escrito, tendo ao longo do tempo a integração com os ouvintes e não havendo um espaço de diversão social desde a infância. A substituição de língua natural é contra o crescimento da própria criança e a família andava perdida na sua orientação exigindo para ser um filho “normal”.

**Dimensão Escolar:**

**S1:** *“Chamavam-me com a palma de mão na cabeça e isso enervava-me mais e ficava frustrada, comecei a olhar para os professores como pessoas que nos davam problemas (a nível de educação e de comunicação). Vi alguns Surdos que se esforçavam tanto para aprender, mas não entendiam a leitura dos lábios dos professores: depois ajudei-os para entenderem, mas os professores proibiram-me.”*

Sente frustração e raiva. A maior preocupação e medo da entrevistada é o acesso à própria comunicação, comparando-se aos outros e tendo medo da proibição dos professores. A desconfiança alimentou muito o medo e a raiva. O esforço da entrevistada aumenta esta “ferida natural”, julgando que a ajuda dos outros era como um “bode expiatório” e, por isso, acreditava que a proibição alimentou mais a solidão.

**S2:** *“Houve duas situações: primeira eu frequentava no Jacob, a diretora e assessor preferiam que eu fosse professor de LGP na mesma escola, estavam a ajudar-me para ir outra escola e mais tarde mudei as ideias porque não tinha interesse em ensinar. Depois a minha esposa e o amigo Amílcar Morais pediram-me para eu me candidatar ao curso de licenciatura em LGP, mas não tenho tempo para estudar porque a minha vida está muito ocupada (trabalho, árbitro, colaborar na Federação), por isso não estou interessado em estudar.”*

Perda da vontade ou perda de motivação para estudar. Segue o modelo homogéneo das pessoas Surdas que abandonaram os estudos devido a pressões educacionais e a uma baixa autoconfiança. O entrevistado prefere ocupar-se fora da escola e a participação do movimento social para ocupar o tempo e evitando o estudo “obrigatório” e o sentimento obriga a recusar o sistema do hábito de desconfiança. Porém, o próprio entrevistado reconhece o medo de ser inferior.

**S3:** *“Desculpe, não é por mal, o ensino dos Surdos é péssimo e a escola dos ouvintes era melhor!”*

Comparou o programa curricular da escola de Surdos como uma pobreza de informação e conhecimento do nível de aprendizagem da entrevistada. Comparou-se a si própria e sentiu que as pessoas Surdas sobreviventes tinham baixo conhecimento e consciência. Apontou pontos negativos à educação dos Surdos e a desconfiança da entrevistada que não acredita na reforma do programa/sistema educativo.

**S4:** *“...sou doutor e consegui a base da minha vida escolar, porque adaptei-me à forma do método do estudo para adquirir o nível do ensino dos Surdos e ouvintes até entender as diferentes formas e adquiri bem essa adaptação devido à leitura e à escrita.”*

Falou da adaptação social e de como fez “contra” a vontade de natureza, mas ganhou a aprendizagem da substituição do acesso da língua e cumpre a metodologia tradicional sem adaptação. Fez uma adaptação própria para fazer a vontade própria e evitar a rotulagem da desconfiança social.

#### **Dimensão Emprego:**

**S2:** *“A comunicação dentro da sala, atende sempre por “voz”. Sempre sonhei conseguir subir na carreira para ser chefe, mas na prática é difícil. Por exemplo, os órgãos executivos (como presidente, vereadores e chefes) comunicam por telefone e atendimentos presenciais. Se eu fosse e a CML pagaria intérprete, não.”*

Fala em sonho, mas que é impossível e difícil. Seguiu o modelo homogêneo, que comprova a citação do Paulo Freire: “Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor”. É a resposta clara da desconfiança que ensinou o conceito de “impossível” ao (s) entrevistado (s).

**S3:** *“...havia colaboração com todos os colegas dependendo da personalidade de cada um, por exemplo, se for egoísta e individualista, parece-me que não sabe estar numa equipa unida para trabalharmos e evoluir pelo bem da educação.”*

Tinha dificuldade de integrar a equipa com diversas personalidades dos colegas porque tinha conhecimento da educação dos oprimidos. A maior preocupação e medo da entrevistada é a personalidade negativa e compara cada um do (s) conhecimento (s) do (s) colega (s): desconfiança de competitividade.

**Dimensão Comunidade:**

**S1:** *“Na realidade, a maioria dos Surdos preferem estar numa “rotina silenciosa”, na verdade, há uma pequena percentagem dentro da minoria que são capazes de gerir e avançar para subir, dependendo da mentalidade de cada um (devido à educação escolar e familiar que influencia os Surdos). Outros preferem ficar sossegados “em repouso” porque dá menos trabalho.”*

Estigma social, falou da quantidade de maioria e minoria sobre a capacidade de subir na carreira e da gestão superior. A entrevistada reconheceu a maioria que não conseguiu a ultrapassar a forma.

**S2:** *“Antes, os Surdos mais velhos eram mais fortes e unidos, combinavam encontros e utilizavam a LGP pura, etc., porque não havia tecnologia à distância. Todos os fins-de-semana marcavam sempre um ponto de encontro e comunicavam durante muito tempo até de madrugada, participando nas associações e colaboravam nas lutas, pediam ajuda dos intérpretes... até ao século 20, após o reconhecimento da LGP pela Constituição da República Portuguesa, acho que tudo começou a mudar passando a haver mais individualidade e divisão em grupos mais pequenos, criaram formações, criaram cursos das universidades. Depois havia uma guerra entre Surdos e ouvintes e logo se interessam menos pela “bandeira da instituição” e sentiam obrigação de participar nas associações devido às formações dos vários cursos para receber honorários para sustentar a família.”*

Comparou antes e depois do reconhecimento de Língua Gestual Portuguesa (LGP) pela Constituição República Portuguesa, havendo uma mudança social da Comunidade Surda que influencia negativamente (a coletiva passa para individual) e criticando a formação em LGP em qualquer instituição. Havia uma guerra entre dois mundos e entrega a língua da Comunidade Surda, depois sente medo por perder os valores de costume e citou a “bandeira da instituição”, estava a defender a camisola associativa e voluntária contra a massificação e o afastamento da Comunidade Surda para sustentar a vida pessoal e os seus interesses individuais.

**S3:** *“A condição da Comunidade Surda mudou, sim, mas cada pessoa Surda assume ou não essa mudança. A mudança foi através da tecnologia que influenciou mais para a individualidade, perdendo-se a coletividade. Comparando com os antigos, antes havia um grupo mais estável e estava unido para lutar. Agora não, aumentou*

*mais o sentimento individualista. Ambos têm pontos positivos e negativos. Lecionei com adultos Surdos, e admirei-me que os individuais estão cada vez piores porque não há um relacionamento claro, o seu conhecimento fica limitado e não conseguem acompanhar a evolução de tecnologia. Não seguem as lutas e preferem esperar que apareça um líder, preferem fingir que não sabem nada. É preciso mudar esta mentalidade, mas não é possível mudar cada um porque estão mais agarrados à família porque são ouvintes. Se as famílias não existissem e os Surdos podem e evoluem, não sei. É preciso investigar!”.*

No sujeito Surdo passivo havia uma falha de comunicação, conhecimento limitado, dificuldade de relacionamento e optou pela passividade para não seguir as lutas do movimento social e agarradas pelas famílias como superprotetoras. Os entrevistados pediram mais colectividade para combater contra a desconfiança e para se seguir novos caminhos mais unidos e com uma nova construção de identidade.

A desconfiança mais inibidora da capacidade de acção social dos surdos, é um reflexo da desconfiança geral de que são alvo, reforçada pela autodesconfiança.

No dizer de **S4**: “(...) *as pessoas surdas assumiam de forma própria, encerrando os assuntos (...)* “. O valor das atividades culturais Surdas é uma lembrança penosa não apenas dos obstáculos que é preciso ultrapassar, mas sobretudo da incorporação desses obstáculos pelos próprios surdos: ainda **S4** disse: por “Agora parece-me estar perdido do valor para definir a cultura Surda e atividades culturais diminuía “. Antes mesmo do surgimento de uma oportunidade para avançar no reconhecimento da condição Surda pela sociedade, os surdos só sabem das “*dificuldades para lutar para resolver.* “ (**S4**).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A Comunidade Surda é desconhecida dentro das ciências sociais. Tem faltado o seu reconhecimento através antropologia e sociologia para clarificar as estratégias políticas que a Comunidade e os Surdos possam usar. Como diz a introdução “as ciências sociais podem ser uma contribuição para dar a conhecer a situação e melhorar as oportunidades de realização de mais justiça social. A construção da Cultura Surda é o discurso da Comunidade Surda para os membros da Comunidade Surda: a identidade Surda.” A Comunidade Surda está esmagada e em choque pela política geral portuguesa devido ao poder cultural do modelo de deficiência. O modelo social distanciou-se demais dos Surdos e estes não lhe dão o devido crédito. Porém, como se diz acima “Os Surdos reclamam ser compreendidos como pessoas capazes, como todas as outras, porque isso é uma forma de realização pessoal e de satisfação de necessidades identitárias próprias da espécie humana.” Os movimentos associativos das pessoas com deficiência em geral optam por dois modelos diferentes para orientar os respetivos caminhos: sistema do Estado providência para pessoas com deficiência (subsídio) e movimento do modelo social (direitos e deveres de cada uma das pessoas com deficiência). A Comunidade Surda não está integrada nesse debate. Prefere optar por outro caminho para construção de uma comunidade com uma cultura e identidade própria, mas a resposta do Estado não dá oportunidade. Algumas lutas do movimento associativo da Comunidade Surda têm consciência descrita na citação: “Comunidade Surda, representada pela defesa do seu direito de participação autónoma e efetiva nas lutas por um ensino de qualidade e por respeito pelos direitos humanos.” Segundo a Declaração dos Direitos Humanos que protege a língua devemos defender a qualidade da nossa língua de ensino e uma reforma educacional mais qualificada e inovadora na vida das Pessoas Surdas. Só uma participação ativa poderá corresponder a uma acessibilidade global. É uma questão de igualdade de oportunidade. O que aconteceu o ensino dos alunos Surdos? A escola de Surdos tem uma visão colonizadora: “A visão colonizadora diferencia a incapacidade do Surdo para construir a sua cultura e a sua língua: a LG. A visão da sociedade que estereotipa os Surdos como deficientes pela sua dificuldade de falar oralmente, pode ser observada focando quatro aspetos: educação, igualdade de oportunidades, linguística e acessibilidade, que são questões de reflexão sobre diversas áreas de integração em diferentes situações do quotidiano.” Os estudos académicos ou outros estudos sobre o sujeito Surdo produzem ideias e julgamentos de

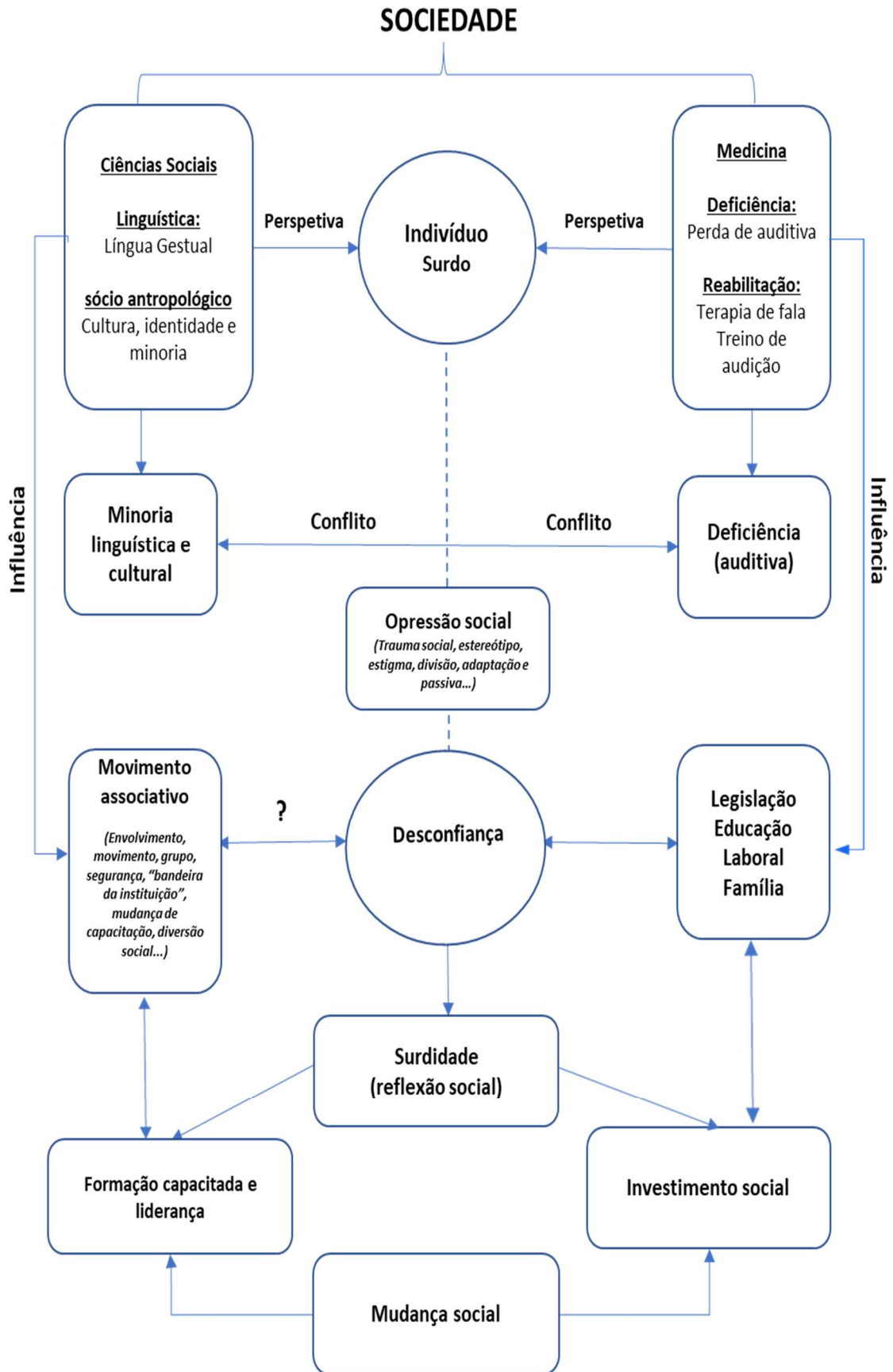
valor errados porque os investigadores desconhecem a situação da Comunidade Surda. Alguns estudos prevêm que a consideração da alteridade cultural e social adquire uma relevância que implica a área das ciências sociais”. A Comunidade Surda respeita a função da comunidade médica, mas deveria aprender a pedir-lhe uma visão mais alargada da vida dos Surdos. Por exemplo, podia acreditar noutra perspetiva, “Não é simplesmente o afastamento de uma perspetiva clínica. É a adoção efetiva da mobilização de um olhar antropológico cultural, que facilite e apoie a transformação de representações sociais educacionais, mas também as políticas sociais, a respeito do sujeito Surdo e das potencialidades da sua cultura, com base na LG.” e sua expectativa resume-se a “acreditar que as pessoas Surdas com melhor audição ou fala são intelectualmente superiores, mas provoca uma auto-estima fraca entre todos os Surdos e desconfiança mútua entre todos os membros da Comunidade Surda, assim inferiorizada relativamente aos ouvintes e hierarquizada internamente”. É necessário fazer um diálogo para unir diferentes frentes para combater contra barreiras linguísticas, culturais e de identidade. O diálogo ajuda a eliminar a divisão dentro da comunidade. É muito urgente criar uma formação para a capacitação sobre Surdidade para dirigentes e os indivíduos Surdos, e para investir mais união e consciencialização da Comunidade Surda, no sentido de criar uma estratégia com forte visibilidade para enfrentar barreiras gerais com a contribuição das ciências sociais. Esta dissertação pode ser uma prova científica para desafiar as ciências sociais e a Comunidade Surda para estudarem novos desafios para entender melhor as bases sociológicas para o desenvolvimento das identidades sociais na base de paradigmas capazes de combater a diferença, evitar o desvio e a rotulação, para desmontar ideias erradas. E desafiar os novos caminhos para alcançar a Surdidade.

## **BIBLIOGRAFIA**

- Bampi, L., et al. (2010) (org.), *Modelo social: uma nova abordagem para o tema deficiência*, Universidade São Paulo, Revista Latino-Americana de Enfermagem,
- Bhabha, Homi K. (1994), *The Location of Culture*, Routhedge. Disponível em <http://www2.tf.jcu.cz>
- Dores, A. (2008), *Espírito de Submissão*, Lisboa, Fundação C. Gulbenkian e FCT/MCES.
- Dores, A. (2008), *Espírito Marginal*, Lisboa, Argusnauta.
- Dores, A. (2010), *Espírito de Proibir*, Lisboa, Argusnauta.
- Freire, Paulo. (2005), *Pedagogia do Oprimido*, Rio de Janeiro, 42.<sup>a</sup> edição. Paz e Terra.
- Garcia, V. (2010), *Panorama da Inclusão das pessoas com deficiência no mercado de trabalho no Brasil*, Trabalho de Educação e Saúde, v. 12 n.º. 1, pp 165 – 187, Rio de Janeiro.
- Goffman, E. (1988), *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Rio de Janeiro, Editora LTC.
- Goffman, E. (1989), *A representação do eu na vida cotidiana*. São Paulo, Perspectiva.
- Iturra, R. (1998), *A pedagogia do oprimido: as minhas memórias de Paulo Freire*. Parede, Educação, Sociedade&Culturas: (págs. 83-94).
- Jokinen, Markku (2006), *Os utilizadores de Língua Gestual e a Comunidade Surda*, in Maria Bispo et al. (coord.), *O Gesto e a Palavra I* (págs. 83-108), Editora Caminho, Lisboa.
- Kessler. T.M. (2008), *A Surdez que se faz ouvir: sujeito, língua e sentido.*, Brasil, Universidade Federal de Santa Maria.
- Ladd, P. (2017), *Em Busca da Surdidade 2 – Compreender a Cultura Surda*, Lisboa, Surd´Universo.
- Ladd, Paddy (2013), *Em Busca da Surdidade 1 – Colonização dos Surdos*, Lisboa, Surd´Universo.
- Lane, H. (1992) *A Máscara da Benevolência: a Comunidade Surda Amordaçada*, Lisboa, Instituto Piaget.
- Perlin, G. et Strobel, K. (2006), *História Cultural dos Surdos: Desafio Contemporâneo*, Educar em Revista, Edição Especial n. 2/2014, p. 17-3, Brasil, Editora UFPR.



ANEXO A- Gráfico: Transformar a desconfiança em Surdidade





### **ANEXO B- Guião da Entrevista**

No âmbito do Mestrado em Sociologia, no ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, estamos a realizar entrevistas para desenvolver uma investigação sobre a problemática da Comunidade Surda e como se encontra ligada ao campo sociológico.

Com o intuito de melhor compreender a integração da Comunidade Surda e em geral as dimensões da educação, da linguística, da acessibilidade e da área social, recorre-se à técnica de entrevista a Pessoas Surdas para que possamos conhecer estas dimensões e as tomadas de decisão dos entrevistados, aprofundando o exercício de vivenciar na sociedade e na Comunidade Surda.

#### **1) Identificação Pessoal**

- 2) Nome;
- 3) Nome Gestual;
- 4) A sua surdez é de nascença ou é adquirida?
- 5) Os seus pais eram surdos à sua nascença?
- 6) O seu sexo é Masculino ou Feminino?
- 7) Quantos anos tem?
- 8) Quantos anos de escolaridade frequentou?
- 9) Na escola, repetiu quantos anos?
- 10) Os seus encarregados de educação eram compreensivos consigo ou eram exigentes com os resultados dos seus estudos?
- 11) Considera-se uma pessoa com sucesso escolar?
- 12) Está empregado? Se sim, qual é a sua profissão?
- 13) Acha que teria capacidades para assumir mais responsabilidades no trabalho? Se sim, tem esperança de um dia as poder assumir, sendo promovido?
- 14) A sua experiência mostra que as condições de vida dos Surdos estão a mudar rapidamente, lentamente ou não mudam nada?

**ANEXO C- Transcrição de entrevista: S1**

- 1) Surda de nascença
- 2) Os pais são ouvintes
- 3) Género: Feminino
- 4) Idade: 51
- 5) Informação escolar: Quando tinha 4 anos de idade frequentou o Colégio São Francisco de Sales (situava-se na esquina em frente do Hospital D. Estefânia; era particular e, mais tarde, passou a pertencer à Casa Pia de Lisboa; depois encerrou)
- 6) Anos escolares repetidos (classes): Repeti duas vezes na primária (1º. e 2º. classes) devido a questões no sistema educacional (vários alunos Surdos repetiram várias vezes). Depois frequentei vários ciclos sem repetir até ao 10º. ano do secundário, que foi diferente (a própria eu admiti) uma vez que o sistema não tinha resposta. Gostava de ter tirado o curso de contabilidade que durava três anos, mas a Escola Secundária de Benfica (atual Escola Secundária José Gomes Ferreira) limitou-se a um ano. Recusei a isto e mudou para a Escola Secundária Marquês de Pombal (em Belém), porque lá havia um grupo de Surdos e eu precisava de conviver e estar integrada como parte da turma. Porém, estava sempre a faltar às aulas até que chumbei. Voltei novamente para a Escola Secundária de Benfica e tirei o curso de contabilidade. Terminei um ano de estudo e fiz estágio. Depois de ter terminado o estágio, como ainda era jovem, tirei um outro curso (optometria) na mesma escola. Quando estava quase a terminar, chamaram-me para frequentar o curso de formação profissional dos formadores de Língua Gestual Portuguesa: desisti da escola e fui para este curso. Mais tarde, frequentou o secundário (10º. ano até ao 12º. ano) em regime noturno e concluiu tudo.
- 7) No meu tempo, a Língua Gestual Portuguesa não era visível, havia sempre Surdos que utilizavam a LGP, mas a sociedade olhava a LGP era inferior (como “macacos”). A sociedade necessitava que os Surdos oralizassem bem. Por exemplo, a minha mãe e a minha avó controlavam-me para verem se eu oralizava bem e se compreendia bem, mas deixavam-me entrar no tal grupo. Quando me atendiam, eu adaptei-me a oralizar e alguns compreendiam-me bem e outros não, mas eu própria sentia segurança naquele grupo. Não me interromperam e continuei a conviver.

- 8) Consegui algumas partes dos meus estudos, havia pausas, momentos estáveis e outros instáveis, até que consegui os estudos acadêmicos, porque me envolvi nas duas culturas: convivi com o grupo dos Surdos e integrei-me no grupo dos ouvintes. Comparando as duas, o nível da aprendizagem dos Surdos era mais curto e dos ouvintes eram mais completos. A minha mais-valia é que escrevo bem em português, aprendi tudo o que posso, a minha mente estava aberta e consegui.
- 9) Tinha saudades, tínhamos bons momentos, irritava-me, sentia-me mal, dava-me raiva, dependendo das várias situações, em geral, para mim está “ok”. As minhas vantagens permitiram-me avançar para alcançar os estudos, a minha satisfação foi o contacto com a Comunidade Surda mais pequena e convivi até adquirir a língua (LGP) e o meu cérebro funcionou bem ligado à LGP. Depois aprendi outra língua, articulando bem. O que me irritou mais foram os professores oralistas que não tinham compreensão para com as crianças e jovens Surdos, nem entendiam a comunicação dos Surdos. Chamavam-me com a palma de mão na cabeça e isso enervava-me mais e ficava frustrada, comecei a olhar para os professores como pessoas que nos davam problemas (a nível de educação e de comunicação). Vi alguns Surdos que se esforçavam tanto para aprender, mas não entendiam a leitura dos lábios dos professores: depois ajudei-os para entenderem, mas os professores proibiram-me. É a falha de comunicação entre professores ouvintes e alunos Surdos, que me causava nervosismo. Alguns professores “aproveitaram-me” para eu representar os outros como modelo que falava bem: não gostei disso e isso sempre me irritou.
- 10) De momento não trabalho, antes eu trabalhava como formadora de LGP, atualmente estou a fazer o doutoramento e sou bolsista da FCT.
- 11) Colaboro com os meus colegas na universidade, comunicamos e colaboramos bem, respeitando as normas de LGP. Reconhecemos que as nossas culturas são diferentes e, por isso, relacionamo-nos bem.
- 12) É claro que dá, os Surdos podem subir na carreira, gerir várias áreas dependendo do local onde trabalham. Acredito, sim. Na realidade, a maioria dos Surdos preferem estar numa “rotina silenciosa”, na verdade, há uma pequena percentagem dentro da minoria que são capazes de gerir e avançar para subir, dependendo da mentalidade de cada um (devido à educação escolar e familiar que influencia os Surdos). Outros preferem ficar sossegados “em repouso”

porque dá menos trabalho. Discordo e é importante que os Surdos subam e alcancem os objetivos de cada um, acredito sem dúvida.

- 13) Essa pergunta é grande e tento responder a algumas, se eu estiver satisfeita na minha vida/rotina, respondi ok e não é perfeita, mas podia ser melhor. Há muitas coisas para fazer uma mudança bem grande, sou Surda e portuguesa... aqui em Portugal (os Surdos estão no estado de hibernação tal como os ursos fazem), o tempo passa e os Surdos voltam para atrás. Sobre as lutas e movimentos, os Surdos não seguem e dividem-se, para mim isso não é justo e devia mudar. Há surdos conscientes que dão conta dessa problemática e outros (a maioria surdos não conscientes): há uma ponte entre eles? Acho que não. Esse grupo tem maioria e como que bloqueava o avanço das lutas do movimento, o nível das associações de Surdos está um pouco adormecido, em repouso. Não estou a criticar, mas estou a dizer verdade que vejo. Na média, os intérpretes estão sempre presentes nas televisões dentro da janelinha imperfeita. Todos focam sempre os intérpretes e esquecem-se dos Surdos, onde estão os Surdos? Existem Surdos. Os direitos e deveres dos Surdos em Portugal existem: os direitos são explicados, mas onde estão os deveres. É isso que estou a dizer em geral e há mais, mas não podia dar imensas informações ao mesmo tempo.
- 14) Havia uma grande mudança, mas por dentro mantém-se na mesma como “a água estagnada atrai mosquitos e esquecem de deitar fora da água e pôr uma nova água”. Mudou e segue as normas da vida, está sempre em constante mudança e a maioria pensa que é positivo, e por vezes não é. Nos anos 80 e 90, lutou-se até conseguirem e depois perderam. Agora os mais novos lutam repetidamente e eu tinha conhecimento sobre antes, os mais novos não seguem o legado dos mais velhos nem têm interesse em saber. A Comunidade Surda pode destruir, depois quem vai pôr cola para ficar tudo novo? É uma pena. Os jovens dividem-se à parte dos idosos e os adultos ficam no meio, os jovens aproximam-se das crianças, ignoram os idosos e os adultos ficam na invisibilidade. Dizem sempre que se devem defender as crianças, acho bem e não está mal, mas e os adultos? Vou dizer porquê? O ciclo entre crianças e jovens são mais curtos e adultos são mais longos depois dos idosos ficam mais curtos. Ignoram o ciclo mais comprido, quem irá puxar a linha do legado? É uma prova. Por exemplo, as mães refugiadas dão alimento às crianças e depois ignoram a si mesmas, acabam por perder os seus filhos. Devia-se alimentar primeiro as mães para fortalecer

bem e depois darem alimento e força às crianças, tal como a Comunidade Surda. Sei que dei muitas ideias negativas na entrevista, mas há pontos positivos também. As Pessoas Surdas deviam tomar uma consciência para se unir a Comunidade Surda para ficar forte a “puxar o grupo” com uma consciência diferente. A maioria tem um bloqueio nas vidas de cada um, havendo uma divisão da sociedade entre elites e classes baixas que bloqueiam (equivale à Comunidade Surda). Deviam juntar com Surdos com consciência reconhecida, que recusam a ignorância e que pensam no seu “Ego” e de ser egocêntricos. Antes havia muita união e agora aumenta mais a ideia individualista (ego), mas isso vai dar o quê? Nada e vai dividir mais a Comunidade para depois enfraquecer.

**ANEXO D- Transcrição de entrevista: S2**

- 1) Surdo de nascença
- 2) Pais Surdos e uma filha Surda
- 3) Género: Masculino
- 4) Idade: 40 anos
- 5) Informação escolar: desde os 3 anos de idade, integrado com ouvintes no pré-escolar
- 6) Anos escolares repetidos (classes): Frequentei a escola com turma integrada até à 2ª. classe e depois frequentei o Instituto Jacob Rodrigues Pereira e repeti porque a organização escolar preferiu que eu acompanhasse os colegas na mesma turma. Na 1ª. classe duas vezes e depois na 2ª. classe duas vezes e repeti várias vezes por causa da turma. Após o 5º. ano até ao secundário sem repetição.
- 7) Os meus pais são Surdos e não completavam na primária, entregando a responsabilidade à avó materna que era professora da primária que depois encontrou o Jacob e pôs-me lá. Até que eu decidi avançar sozinho e procurei a escola melhor para mim, decidindo as mudanças de escolas até ao fim.
- 8) Terminei o 12º. ano num curso de Técnico de Desenho Civil e depois entrei na Câmara Municipal de Leiria (CML) até agora.
- 9) Houve duas situações: primeira eu frequentava no Jacob, a diretora e assessor preferiam que eu fosse professor de LGP na mesma escola, estavam a ajudar-me para ir outra escola e mais tarde mudei as ideias porque não tinha interesse em ensinar. Depois a minha esposa e o amigo Amílcar pediram-me para eu me candidatar ao curso de licenciatura em LGP, mas não tenho tempo para estudar porque a minha vida está muito ocupada (trabalho, árbitro, colaborar na Federação), por isso não estou interessado em estudar.
- 10) Sou técnico de desenho civil do quadro pessoal da Câmara Municipal de Leiria, faço desenho na urbanização, cadastrados e estradas, devido ao curso profissional que fiz no secundário.
- 11) Os funcionários da CML são mil e a minha seção tem cinco funcionários, colaboramos bem. Às vezes outras seções há dificuldades de colaboração com colegas, etc., mas dentro da minha sala está tudo bem.
- 12) A comunicação dentro da sala, atende sempre por “voz”. Sempre sonhei conseguir subir na carreira para ser chefe, mas na prática é difícil. Por exemplo, os órgãos executivos (como presidente, vereadores e chefes) comunicam por

telefone e atendimentos presenciais. Se eu fosse e a CML pagaria intérprete, não. Aqui o meu trabalho não é possível em todo o Portugal. No meu sonho gostava de subir, mas a lei não diz nada sobre direito de igualdade e haverá sempre desigualdade no nosso país.

- 13) Claro, a vida muda sempre. O meu objetivo é lutar sempre pela igualdade entre ouvintes, surdos, cegos, etc.. Falo por mim como a Comunidade Surda, ainda tem barreiras: por exemplo, nos hospitais não há intérprete de LGP, no acesso à saúde não há intérprete, etc.. Todas as pessoas não sentem que há igualdade, é preciso mudar. A lei do Estado diz sempre, mas somos nós próprios que devemos lutar para mudar.
- 14) Eu nasci e vivi na Comunidade Surda até agora, tem muita diversidade ao longo dos anos e participei no convívio das associações de Surdos, família, amigos, até sou ainda presidente da Federação. Antigamente eu era presidente de uma associação local, juvenil, etc., aprendi e adquiri, havia muita diversidade, devido à mentalidade de cada pessoa Surda.

Antes, os Surdos mais velhos eram mais fortes e unidos, combinavam encontros e utilizavam a LGP pura, etc., porque não havia tecnologia à distância. Todos os fins de semana marcavam sempre um ponto de encontro e comunicavam durante muito tempo até de madrugada, participando nas associações e colaboravam nas lutas, pediam ajuda dos intérpretes... até ao século 20, após o reconhecimento da LGP pela Constituição da República Portuguesa, acho que tudo começou a mudar passando a haver mais individualidade e divisão em grupos mais pequenos, criaram formações, criaram cursos das universidades. Depois havia uma guerra entre Surdos e ouvintes e logo se interessam menos pela “bandeira da instituição” e sentiam obrigação de participar nas associações devido às formações dos vários cursos para receber honorários para sustentar a família. A participação do convívio diminuiu devido a haver menos motivação. Olham apenas para o próprio “eu” e esquecem de dar apoio aos jovens, idosos, etc. e não olham para o futuro. O reconhecimento da Constituição é importante e tem muito valor, mas está a faltar alguma coisa para mudar e as pessoas Surdas pensam em receber salários e defender os próprios interesses, entre outros, perdendo-se muitas coisas. A partir do ano 2002, as pessoas Surdas afastaram-se das associações, foi criado o centro de Implante Coclear e outros, havendo mais divisão e diminuição do contacto da Comunidade Surda. A vontade de



participação nas associações e na luta/manifestação diminuiu e aumentou o sentimento mais individualista (pensam só “eu” e dizem sempre “se precisar alguma coisa e eu não, então não participo!”, ou seja, se precisarem de alguma coisa então vão ao convívio para reclamar, chamar atenção, só isso). Com a criação das novas tecnologias, por exemplo, telemóvel, videochamada para comunicar à distância, a presença diminui e esquecem-se da “bandeira da associação” para estar unidos. Na altura, eu era presidente da Associação Portuguesa de Surdos – Delegação de Leiria e Associação de Surdos da Alta Estremadura, os Surdos participavam no convívio, depois reparei que o convívio diminui por causa da videochamada e então perde tudo. Depois comecei como dirigente da Federação e tinha trabalho com as associações filiadas, mais tarde, algumas associações foram extintas.

No futuro, a meu ver, as associações filiadas vão diminuir e os individuais vão aumentar, porque recebe-se mais pedidos de atendimentos das pessoas Surdas (individualista) mais preocupados e menos os representantes das associações. As associações que vão fazer lá dentro? Há uma maior preocupação com o dinheiro e as questões internas do que com as lutas gerais da comunidade. Tentámos influenciar a mudança da mentalidade das associações para melhoria porque as estruturas da federação mudaram para melhor. Por exemplo, melhores condições e divulgações, mas as associações não evoluíram e preferem manter-se “em silêncio”, o que dificulta a colaboração com a federação. A federação necessita que haja articulação e “pingue-pongue” com as associações para ambos os lados poderem evoluir, mas só a federação dava. A minha expectativa é que a Comunidade Surda veja e reflita sobre o futuro para unir e trabalhar muito mais. Reconheci que a federação tinha perdido há 9 anos antes do meu mandato e depois fui eleito, foi muito difícil construir tudo o que havia sido perdido nesse tempo para construir uma boa representação. Acredito que a Língua Gestual Portuguesa é pioneira da Comunidade Surda para distribuir nas várias áreas de atuação: acessibilidade, educação, saúde, política, social, vida das pessoas Surdas, entre outros, para dar um pilar forte para as Pessoas Surdas. Pelos vistos, há pouco tempo as pessoas ouvintes tentam “roubar” a língua da Comunidade Surda para poder trabalhar e ganhar dinheiro. É preciso que os Surdos se unam com capacidade para avançar.

**ANEXO E- Transcrição de entrevista: S3**

- 1) Surda de nascença
- 2) Pais Surdos
- 3) Género: Feminina
- 4) Idade: entre 35 a 50 anos
- 5) Informação escolar: Frequentei a escola desde os 2 anos de idade.
- 6) Anos escolares repetidos (classes): Repeti duas vezes a 4<sup>a</sup>. classe, frequentei o 5<sup>o</sup>. e o 6<sup>o</sup>. ano (metade do ano letivo) Depois frequentei o Instituto Jacob Rodrigues Pereira (*Casa Pia de Lisboa, IP, uma secção para os Alunos Surdos que se chama Jacob Rodrigues Pereira*) e tirei o curso de informática. Depois quis trabalhar, mas fizeram-me voltar para atrás para retomar o estudo do 7<sup>o</sup>. ano até ao secundário e repeti mais um ano e meio do 12<sup>o</sup>. ano devido a falta de aprovação de uma disciplina - matemática e que a aprovação era realizada os exames.
- 7) Foi a minha avó que me controlava sempre porque julgava que todos os Surdos eram assim, mas não é!
- 8) Sim, consegui realizar todos os meus estudos.
- 9) Sim, tinha algumas saudades e fiquei frustrada, com algumas desvantagens. Desculpe, não é por mal, o ensino dos Surdos é péssimo e a escola dos ouvintes era melhor! Gostava de retomar a escola para aprender mais. Se não se frequentar alguma escola, a capacidade de conhecimento fica passiva e por isso quero retomar. Mas estar na mesma turma com Surdos e ouvintes não me importo, mas deve estar presente um intérprete de LGP. Integrei-me na turma dos ouvintes e não havia intérprete de LGP. Havia um intérprete que traduziu mal em matemática e depois não voltou mais. Aprendi mais na turma dos ouvintes do que dos Surdos porque aí nesta mesma turma, não aprendi quase nada.
- 10) Sim, trabalho como docente de Língua Gestual Portuguesa (LGP).
- 11) Sim, havia colaboração com todos os colegas dependendo da personalidade de cada um, por exemplo, se for egoísta e individualista, parece-me que não sabe estar numa equipa unida para trabalharmos e evoluir pelo bem da educação.
- 12) Sim, é possível para fazer uma carreira/gerir qualquer setor porque recebo sempre formação e tenho conhecimento da ética e com vontade de aprender tudo para evoluir.

- 13) Na minha vida pessoal vejo que havia mudança para melhor, no nível profissional, mais ou menos por haver mudança ligeira (depende da vontade profissional e tempo).
- 14) A condição da Comunidade Surda mudou, sim, mas cada pessoa Surda assume ou não essa mudança. A mudança foi através da tecnologia que influenciou mais para a individualidade, perdendo-se a coletividade. Comparando com os antigos, antes havia um grupo mais estável e estava unido para lutar. Agora não, aumentou mais o sentimento individualista. Ambos têm pontos positivos e negativos. Lecionei com adultos Surdos, e admirei-me que os individuais estão cada vez piores porque não há um relacionamento claro, o seu conhecimento fica limitado e não conseguem acompanhar a evolução de tecnologia. Não seguem as lutas e preferem esperar que apareça um líder, preferem fingir que não sabem nada. É preciso mudar esta mentalidade, mas não é possível mudar cada um porque estão mais agarrados à família porque são ouvintes. Se as famílias não existissem e os Surdos podem e evoluem, não sei. É preciso investigar!

**ANEXO F- Transcrição de entrevista: S4**

- 1) Surdo de nascença
- 2) Os pais e família são ouvintes
- 3) Género: Masculino
- 4) Idade: 32 anos
- 5) Informação escolar: Concluí o doutoramento na área de Direito.
- 6) Anos escolares repetidos (classes): Nunca repeti os anos escolares, a minha idade bate certo com a idade escolar até concluir a universidade, depois estive em pausa um ano por motivos pessoais e familiares. Depois retomei os estudos académicos e conclui dentro da minha idade.
- 7) Quando eu nasci Surdo, os meus pais entenderam logo e comecei a frequentar a APECDA – Porto (Associação de Pais para Educação de Crianças Deficientes Auditivas) através das Atividades de Tempos Livres (ATL). Exigiram-me para eu oralizar, antigamente não havia Língua Gestual Portuguesa, usava-se mímica e terapia de fala. À parte de tempo, integrei-me na turma dos ouvintes. Na altura, eu frequentava aquela escola e a minha professora exigia-me muito para escrever, quando terminava as aulas levava os trabalhos para casa e tinha trabalho de escrita e leitura com o apoio da minha família. Lembro-me bem que havia um panfleto muito visual que tinha imagens com palavras e, por isso, desenvolvi muito até concluir doutoramento. Sinto-me em dívida com a meus pais que me ajudavam muito e a quem agradeço muito.
- 8) Consegui os meus estudos, sim, havia prova, quer dizer, sou doutor e consegui a base da minha vida escolar, porque adaptei-me à forma do método do estudo para adquirir o nível do ensino dos Surdos e ouvintes até entender as diferentes formas e adquiri bem essa adaptação devido à leitura e à escrita. A minha resposta é sim e consegui os meus estudos.
- 9) Sim, há um momento que ainda tenho saudade, frequentei a escola de Paranhos (a Escola de Paranhos, situa-se em Salgueiros no Porto) onde frequentei o 2º. e o 3º. ciclo de ensino, foi a primeira vez que me envolvi na turma dos Surdos e na Comunidade Surda, na altura, aquela escola foi muito boa e era um “tempo de ouro”. Atrapalhei-me porque os meus colegas eram grandes e eu era mais novo e pequeno (a minha idade era igual à idade escolar dos ouvintes e frequentava quando eu tinha 9 ou 10 anos de idade), não utilizava a LGP e não percebi que

era um Surdo verdadeiro. Entendi que sou Surdo quando me foi transmitida a LGP até adquirir e aprender com os mais velhos e depois desenvolvi-me a comunicar em LGP e a participar no grupo. Recebi o prémio de honra e fui líder conciliador naquela escola, por isso tenho saudades. Gostava de voltar a esse tempo na escola como “marca” do antes e depois do meu nome (comparação muito diferente). Até agora eu ainda colaboro naquela escola, mas atualmente a situação interna da escola está diferente e os antigos professores saíram. Eu passo lá muitas vezes e vejo sempre a escola, sinto saudades. Vejo que os alunos Surdos ainda estudam lá. Convidam-me várias vezes para apresentar a minha vida e experiência, acontecimentos e história, etc. Também sinto saudades da minha universidade, porque o ambiente é diferente do secundário, muito exigente e sinto orgulho. Não tenho de acrescentar a minha raiva, nem discriminação porque isso não senti porque exigi sempre a igualdade aos outros, não precisava ter medo de reprovar e precisa adaptar a forma de lutar.

- 10) Conclui o doutoramento este ano, por isso não trabalho e estou desempregado. Em breve, daqui um mês já tenho trabalho como professor universitário, na Universidade Católica Portuguesa, curso de Direito, leciono diretamente numa disciplina da área de Direito das Pessoas com Deficiência e a Escola Superior de Educação de Coimbra leciono na Disciplina de Língua Gestual Portuguesa área de política jurídica. Por isso, é a primeira vez que trabalho. Os tempos anteriores, eu dei algumas formações em diversas áreas, maioritariamente na área de jurídica.
- 11) Nunca trabalhei com os colegas por isso não respondo, mas posso dizer o que aconteceu quando estudei na universidade, eu lembro-me bem quando eu tirei a licenciatura e mestrado que havia diferenças, a turma da licenciatura havia muitos alunos, antes que estudava no secundário havia que manter o ritmo com apoio do Estado. Depois frequentei a universidade que o sistema era diferente mais autónomo, por isso “abri os olhos”. No primeiro ano da licenciatura, eu era o único Surdo da turma e falei diretamente com o professor (antes tinha avisado todos os professores que eu era Surdo) porque não havia intérprete, depois falei sobre a minha presença e o professor tomou conhecimento e sentei-me na mesa ao lado de uma colega que era um pouca mais velha e os meus colegas eram todos mais velhos porque optei o curso noturno que era mais fácil e a turma tinha pouco alunos (cerca de cinquenta). No horário normal eram mais alunos na

turma (cerca de duzentos) foi mais difícil e não tinha vantagem para mim. No momento, escolhi bem porque a colega estava ao meu lado da mesa (pouco longe) e observou-me porque falei com o meu professor que a minha voz esquisita por isso não reparei, depois sentei-me e estava ansioso porque era a primeira vez e atrapalhei-me. No intervalo, a colega foi atenciosa comigo e apresentámo-nos, depois questionou se era Surdo e disse-me que podia sentar-me ao seu lado, o que agradei. Desde que nos sentámos até agora, ficámos melhores amigos. Comunicávamos pela escrita e apontava tudo o que os professores lecionavam. Depois consegui um intérprete para traduzir as aulas, não avançou devido à forma do sistema (antes de Bolonha). Eu estava atento à tradução do intérprete e perdia informação pela escrita e a minha colega ajudou-me e apontou tudo. Depois do segundo ano, eu decidi não avançar com a presença de intérprete porque era impossível traduzir as palavras técnicas de LGP da área de Direito e por isso continuei a acompanhar com a minha colega e desenvolvi até concluir. A minha colega escolheu o caminho para fazer um estágio e depois candidatou-se à Ordem de Advogados, atualmente é advogada. Eu segui o mestrado e havia presença de intérprete porque a turma era pequena (cerca de vinte alunos), colaborávamos bem com os colegas e professores e lecionavam mais a plataforma com papeis das aulas. O doutoramento foi diferente porque foi autónomo de investigação empírica. Não fui tratado como inferior nem discriminado, só adaptei a forma da necessidade. Agradei aos meus colegas e aconselho os mais novos quando entram na universidade, devem procurar colegas para colaborar bem para alcançar os objetivos. É importante uma palavra-chave.

- 12) Por que não? Se ouvintes conseguem, os Surdos também conseguem. Só por causa da falta de audição? Não. Quando consegue ter capacidade para responsabilizar para subir na escala. O meu objetivo é para dar exemplo, como eu ser juiz porque não há um Surdo juiz, mas há alguns Surdos advogados. Gostava de mostrar aos outros que o juiz terá grande responsabilidade e é possível dar aos outros para conseguir. Espero que os Surdos conseguem subir, sim! A área jurídica, sim! Devem lutar até o fim.
- 13) Eu olho em mim e em meu nome, sinto-me bem em ser “eu” e mantenho na mesma, antes foi difícil conseguir emprego, agora já consigo arranjar dois empregos, graças a deus. Sinto pessoalmente que estou satisfeito porque a minha

família é estável e participo na sociedade. Eu construo a minha vida até agora e parece-me ser razoável. O meu desafio para mudança é arranjar emprego que já tenho e espero que tudo corra bem.

- 14) Vou tentar explicar bem essa pergunta à Comunidade Surda, é complexa para perceber. Eu pessoalmente tenho sorte, porque testemunhei dois momentos diferentes (antes e depois) quando entrava na federação (FPAS), na altura, eu candidatei-me como presidente da Mesa de Assembleia Geral. Antes eu envolvi-me na Associação de Surdos do Porto, aprendi muitas coisas desde o ano de 2000 até 2010 e mostraram a definição da cultura Surda e havia atividades culturais e convívio porque eu era novo para aprender e “alimentava-me” de muitas coisas. A sociedade era mais compreensiva para entender o que é a definição da cultura Surda, por lado entende também os direitos e deveres das lutas. Após entrada na federação no ano de 2012, notei que a sociedade estava mais difícil porque as leis portuguesas eram boas e melhores que temos, o problema é a prática que parece contraditória. Antes os Surdos eram fortes e defesa das lutas da cultura Surda, e agora parece tudo ao contrário, a Comunidade Surda perde alguma força. A meu ver é diferente essas duas partes do momento, parece-me o direito sobe muito e as pessoas Surdas não conseguem apanhar e desviam para baixo. Parece-me que desistem das lutas porque há condições para viver e esquecem o problema interno da Comunidade Surda, é preciso resolver e corrigir. Quem vai corrigir? Deixam que os líderes corrijam, antes essas correções, mas seguidores colaboravam, agora não. Posso estar enganado porque eu ainda sou novo, mas noto que havia diferença. Acho que podia melhorar, sem dúvida, quando pessoas Surdas voltem a abrir os olhos, porque têm o mesmo direito e têm de agarrar para desenvolver a sua vida com condições para mudar. A mudança da vida faz-se rapidamente, mas a vida das pessoas Surdas muda lentamente. Não sei responder porquê. É a perspetiva diferente de cada um. Agora parece-me estar perdido do valor para definir a cultura Surda e atividades culturais diminuía. Essas perdas, as pessoas Surdas assumiam de forma própria, encerrando os assuntos e com dificuldades para lutar para resolver. Noto que é completamente diferente, porque tive a sorte de ver dois momentos diferentes.